

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Ramon Trindade Pellegrini

**“O MUNDO SEMPRE LEMBRARÁ O 11 DE SETEMBRO”: A
CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DO TERRORISMO DURANTE O
GOVERNO DE GEORGE W. BUSH**

Vitória da Conquista
Março de 2015

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Ramon Trindade Pellegrini

**“O MUNDO SEMPRE LEMBRARÁ O 11 DE SETEMBRO”: A
CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DO TERRORISMO DURANTE O
GOVERNO DE GEORGE W. BUSH**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre Em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta

Vitória da Conquista

Março de 2015

P3641m	<p>Pellegrini, Ramon Trindade</p> <p>“O mundo sempre lembrará o 11 de Setembro”: A construção de uma memória do terrorismo durante o governo de George W. Bush; orientador Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta, Vitória da Conquista, 2014.</p> <p>Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2015.</p> <p>1.História. 2. Memória. 3. Terrorismo. 4. 11 de Setembro I. Ferreira Marta, Felipe Eduardo. III. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. IV. Título.</p>
--------	--

Título em inglês: “The world will always remember September 11”: The construction of a terrorist memory during the George W. Bush government

Palavras-chaves em inglês: History. Memory. Terrorism. September 11.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

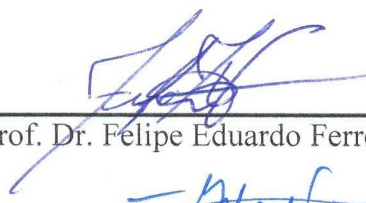
Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (presidente); Prof. Dra. Livia Diana Rocha Magalhães (titular); Prof. Dr. Eurelino Teixeira Coelho Neto (titular)

Data da defesa: 11 de março de 2015

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB)



Prof^ª. Dr^ª. Kívia Diana Rocha Magalhães (UESB)



Prof. Dr. Eurelino Teixeira Coelho Neto (UEFS)

Suplentes

Prof. Dr. Cláudio Eduardo Felix dos Santos (UESB)

Prof^ª. Dr^ª. Antonia Almeida Silva (UEFS)

Local e Data: Vitória da Conquista, 11 de março de 2015.

Resultado: APROVADO

*Este trabalho é dedicado à memória do meu querido
avô, José Alfredo Trindade.*

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos não cabem em uma folha de papel, pois as pessoas que me ajudaram a materializar esta pesquisa foram inúmeras.

Agradeço, formalmente, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pela bolsa de estudo e ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

Agradeço à Capes pela bolsa de estudo, sem a qual seria tudo mais difícil.

Agradeço a todos do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, por sempre me prestar total assistência nessa tarefa tortuosa. Sobretudo, por ter olhado o lado humano do pesquisador com muita disposição, em especial, a Profa. Dra. Livia Diana. Tenho-os em minha memória. Nesse contexto, fui apresentado ao professor Dr. Felipe Marta como orientador e tive o prazer de aprender com ele muito mais que escrever uma dissertação. Entendi o quanto um orientador pode obter do seu orientando se souber transmitir disciplina, determinação e motivação, além de um eficaz arcabouço teórico e prático. Professor, sempre me lembrarei da sua ajuda em um momento complicado que passei nesse percurso. Muito obrigado.

Agradeço a todos os professores membros das bancas de qualificação e de defesa da dissertação.

Agradeço a Energia que me deu força para excutar estas palavras. Também sou imensamente grato ao meu núcleo familiar: minha mãe/irmã, Conceição Trindade, meu pai/irmão, Orlando Pellegrini e meu irmão Rafael Pellegrini. Amo cada um.

Agradeço a minha segunda família, o Movimento Resistencia Viva, principalmente, Paulo Tarso, que foi meu fiel companheiro nesta missão, e Cloves Pedreira, que sempre me instruiu com tamanha sabedoria. Vocês são parte da minha vida, jamais lhes esquecerei.

Por fim, agradeço a todos aqueles que lutaram direta ou indiretamente ao meu lado – ou contra mim – no decorrer dos dois anos em que passei por este árduo mestrado. Sou fruto das circunstâncias que vivi com todos vocês.

RESUMO

O recorte histórico da pesquisa corresponde os primeiros meses após os ataques em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América. Nesse cenário, captamos como a política externa norte-americana, por meio das versões oficiais dos fatos, relacionou os suspeitos dos atentados ao grupo islâmico-fundamentalista, denominado Al Qaeda, que se localizava no Afeganistão, pois receberam apoio do governo local, o Talibã. Tentamos comprovar esta hipótese mediante investigação dos pronunciamentos do então presidente George W. Bush, fontes disponibilizadas virtualmente pela Casa Branca. Destacamos ainda as informações recolhidas em mídias impressas à época, nacionais, como Jornal do Brasil e Folha de São Paulo; e internacionais, como o *The New York Times*. Percebemos que a Guerra ao Terror teve como um dos objetivos imediatos polarizar o mundo no que concerne ao *terrorismo*. Cremos que isto só foi possível mediante difusão da ideologia do “Bem” (EUA) contra o “Mal” (*terroristas* e seus aliados), que serviu, por exemplo, para justificar invasões posteriores em Afeganistão. Quais os interesses concretos dos EUA na primeira guerra do século XXI? Libertar o povo afegão do “Mal”? Ganhar relevante posição estratégica em uma das áreas mais importantes do mundo no setor energético? Vigiando potências rivais, como China e Rússia? A pesquisa trata em investigar e analisar este período singular na história contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE:

História. Memória. Terrorismo. 11 de setembro.

ABSTRACT

The historical period of the study matches the first months after the attacks on September 11, 2001 in the United States. In this scenario, we catch as US foreign political, by means of the official versions of the facts, linked the suspects of the attacks on the Islamic-fundamentalist group called Al Qaeda, which was located in Afghanistan, for they received support from the local government, Taliban. Tried confirm this hypothesis by investigation of the pronouncements then President George W. Bush, available sources virtually by the White House. We also highlight the information gathered in printed media at the time, national, as *Jornal do Brasil* and *Folha de São Paulo*; and international, such as *The New York Times*. We realized that the War on Terror had one of the immediate goals polarize the world when it comes to terrorism. We believe that this was only possible by spreading the ideology of "Well" (USA) against "Evil" (terrorists and their allies), who served, for example, to justify subsequent invasions on Afghanistan. What are the concrete interests of the US in the first war of the twenty-first century? Freeing the Afghan people from the "Evil"? Win significant strategic position in one of the most important areas of the world in the energy sector? Watch rival powers such as China and Russia? The research is to investigate and analyze this unique period in contemporary history.

KEYWORDS:

History. Memory. Terrorism. September 11.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 Setembro de 2001 e os vinte dias que mudaram o mundo	15
2.1 O poder das palavras	20
2.2 Rememorando o passado	24
2.3 Prenúncio de uma guerra	26
3. A polarização da Guerra ao Terror: “nós” versus “eles”	36
3.1 O Império contra-ataca	42
3.2 A dimensão global da Guerra ao Terror	51
4 Considerações finais	57
Referências	62
Anexos	64

1 Introdução

Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado (George Orwell).

Quando os leitores se reportam ao dia 11 de setembro de 2001, possivelmente, não se esquecem do momento no qual os Estados Unidos da América, maior potência mundial, foram atacados – a primeira vez em séculos de história. Devem se lembrar desta tragédia, chocante pelas cenas dos dois aviões comerciais sendo lançados às torres do *World Trade Center*, além de outras duas aeronaves também caírem, uma acertando o Pentágono e a outra, uma região desabitada da Pensilvânia. Quem esteve sintonizado, sobretudo, em canais televisivos, testemunhou em tempo real, imagens que mais pareciam de um filme hollywoodiano, um fato memorável que marcou o início do século XXI.

Em termos globais, a repercussão do momento de terror sofrido pelos norte-americanos redimensionou as relações internacionais, pois o que se concebeu por *terrorismo* foi alinhado à política de segurança formulada pelos EUA e reproduzido em múltiplos espaços, versão consentida pelos Estados aliados, como Grã-Bretanha, França e Alemanha. Considerando como os veículos de comunicação oficiais difundiram as informações do ocorrido, Tariq Ali (2002, p. 355) afirmou que,

O atentado terrorista que atingiu o epicentro político-econômico do mundo foi transmitido em cada rincão do planeta com uma dose de chauvinismo produzido por jornalistas – sobretudo, estadunidenses – que não se limitaram em transformar aquele momento da história contemporânea “em favor de um superpatriotismo imperial”.

Análise pertinente, principalmente, porque as ruínas das Torres Gêmeas e do aparelho de inteligência parecem ter modificado a imagem da política externa estadunidense não apenas na grande mídia, mas nas próprias relações internacionais. Esse acontecimento possibilitou mudanças no mapa geopolítico do mundo, principalmente, com o surgimento de alianças entre países contra o *terrorismo*, liderados pelos Estados Unidos, que culminaram no aumento dos investimentos em Segurança Nacional (CHOSSUDOVSKY, 2004). Ali (2002, p. 356) também salientou que houve uma tentativa de vitimização ocidental, na qual qualquer crítica mais áspera frente à conduta político-militar dos EUA ao longo de sua história passou a ser, constantemente, relegada à categoria de *antiamericanismo*, ou, mais radicalmente, de aliados do *terrorismo*.

Acerca desse cenário, majoritariamente pró-estadunidense, destacamos as análises críticas de Benjamin Barber (2005) e Octavio Ianni (2004). O primeiro aborda o medo artificial que emergiu após os ataques e foi promovido pela maior potência do mundo com objetivos próprios. Revisitando a história contemporânea, ele avaliou que “o medo provocado pelo 11 de setembro destruiu efetivamente o consenso em torno das políticas seguidas durante a Guerra Fria”, salientando uma mudança crucial na política externa dos EUA na qual “a lógica da guerra preventiva se tornou a chave para justificar o uso da força” (BARBER, 2005, p. 107). Já o sociólogo Octavio Ianni (2004), em *Capitalismo, violência e terrorismo*, refletiu acerca dos percursos trilhados pelas sociedades capitalistas na atualidade e comparou o modo de produção em vigor a uma complexa fábrica de violência que, a cada dia, gera mais guerras e destruições de intensidades e formas diversas, dentre elas o que se convencionou por *terrorismo*, sobretudo, no contexto pós-atentados.

Em nossa perspectiva, afirmamos que o 11 de setembro está longe de ser esquecido ou sua interpretação de ganhar contornos finais; pelo contrário, cada vez que nos distanciamos deste, percebemos que a discussão ruma para novas perspectivas e é isto que nos impulsiona à pesquisa. Temos em vista acrescer este debate, apresentando uma análise que, dentro dos seus limites teóricos e metodológicos, busca ampliar a investigação acerca das implicações do 11 de setembro. Mais especificadamente, pretendemos, estudar os quatro primeiros meses após os ataques, traçando paralelo entre a rememoração da tragédia e a construção do inimigo a ser combatido, o *terrorismo* perpetrado pelo saudita Osama Bin Laden e o grupo no qual liderava, a Al-Qaeda.

Para desenvolver este exame, investigamos documentos oficiais referentes ao governo dos Estados Unidos da América, quando do presidente George Bush (2001-2008), maiormente, no contexto posterior aos ataques, avaliando o impacto das reverberações do então governante, principalmente, na política externa formatada pelo próprio e reproduzido pelos Estados aliados. Tivemos a disposição um conjunto de documentos denominado *Selected Speeches of President George W. Bush (2001-2008)*, extraídos do arquivo virtual da Casa Branca¹, no intuito de analisar a construção da memória oficial produzida/reproduzida pelo presidente George Bush em seus pronunciamentos acerca do *terrorismo* nos primeiros meses após os atentados.

A partir deste *corpus* empírico, centramos em encontrar e colher as fontes que compunham o *Selected Speeches of President George W. Bush (2001-2008)* e, nelas, os

¹ Disponível em: whitehouse.archives.gov. Acessado em 10 de agosto de 2013.

documentos necessários para a pesquisa, nos importando com obtenção de informações que diziam respeito as palavras-chave: *terrorismo*, Bin Laden, Al-Qaeda, Talibã, liberdade, Guerra ao Terror e 11 de Setembro. Desta forma, pois, priorizamos os pronunciamentos que faziam referência direta aos termos ou agentes envolvidos, de modo que os documentos apropriados e examinados foram destacados do conjunto para tradução e análise mais minuciosa.

Após separação e arquivamento dos documentos analisados, executou-se a primeira organização do material empírico, quando olhamos para o *corpus* documental de forma analítica, buscando meios para torná-lo inteligível. Com isso, tornou-se importante mobilizarmos instrumentos de análise que nos possibilitassem fazer uma leitura prudente dos documentos. Nesse sentido, nos referendamos nas orientações do professor André Cellard (2008): 1) avaliamos o contexto no qual o documento foi produzido, procurando deixar claro o universo sócio-político e econômico que o rodeia; 2) identificamos o autor que fomentou o documento, discernindo quais foram suas motivações, se fala por conta própria, ou em nome de determinado grupo social; 3) examinamos a autenticidade e confiabilidade do documento; 4) detectamos sua natureza conforme o contexto na qual ele é redigido; e 5) apontamos os termos-chave, ou seja, as palavras e/ou conceitos apropriados e mobilizados pelo autor que faremos a crítica. Investigamos os documentos cumprindo a metodologia supracitada, depois, sintetizamos as informações adquiridas para, por fim, procedermos à análise dos dados.

A relevância da análise de documentos oficiais reside nas informações que podemos obter deles, ampliando a observação dos processos que envolvem indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos e práticas. Para Cellard (2008), os documentos são fontes de informações, indicações e esclarecimentos, escritas ou não (como áudios e vídeos), capazes de responder indagações de acordo com o interesse do investigador. “Uma pessoa que deseja empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um *corpus* satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (CELLARD, 2008, p. 298). Entretanto, é necessário prudência, sobretudo, por se tratar de fontes oficiais.

Ressaltamos que, além dos documentos oficiais, trabalhamos com fontes secundárias, como os jornais impressos àquela época, nacionais, como o Jornal do Brasil² e Folha de São Paulo³; e internacionais, detidamente *The New York Times*, com finalidade de

² Todas as edições citadas nesta dissertação que se referem ao Jornal do Brasil estão disponíveis em: <<http://hemerotecadigital.bn.br>>. Acessado entre agosto de 2014 e fevereiro de 2015.

³ Todas as edições citadas nesta dissertação que se referem ao jornal Folha de São Paulo estão disponíveis em:

encontrar dados que sustentem nossa avaliação, ou não. Concomitante, dialogamos com autores referências no assunto, que podem nos ajudar, tais como Eric Hobsbawm (2007), Michel Chossudovsky (2004), Osvaldo Coggiola (2001), Tariq Ali (2002), Noam Chomsky (2006). Neles observamos a forma como dialoga com fontes primárias e colhemos citações de análises críticas ao governo estadunidense. No que diz respeito à teoria da memória, recorremos às leituras do teórico de Maurice Halbwachs (1990), na qual mobilizamos os conceitos de memória social e espaço religioso, também nos apropriamos dos exames de Elizabeth Jelín (2012) e Maurício Ochoa (2005), que refletiram acerca da ligação dos interesses do presente em evocar certas memórias em detrimento de outras.

Em suma, trata-se de uma pesquisa que pretende, metodologicamente, extrair do material analisado, informações que nos abalzem tecer críticas à versão oficial apresentada pelo presidente dos EUA sobre o *terrorismo*. O desafio é perceber sentidos e significados, patentes ou ocultos, nessas fontes, mediante metodologia que preza pela investigação do conteúdo das mensagens de Bush, explorando o contexto no qual os documentos foram produzidos.

Desse modo, dividimos a dissertação da seguinte forma:

No início do primeiro capítulo, destacamos o mês de setembro de 2001, no qual exploramos o dia dos ataques, desde a decolagem dos aviões até os impactos, dando prioridade a descrição dos fatos juntamente com imagens que remetem aquele momento. Posteriormente, examinamos os impactos imediatos dos ataques no contexto internacional, atentando às múltiplas opiniões de apoio ou crítica e como foi se definindo a identidade do *terrorismo* de cunho *jihadista* a partir dos pronunciamentos do presidente George W. Bush.

No mesmo capítulo, avaliamos como as críticas tecidas por Bush, que denunciou enfaticamente os atos enquanto ações *terroristas* merecedores de uma resposta impetuosa, se transformou na deflagração de uma caçada global aos suspeitos, começando pelo Afeganistão, no qual o governo Talibã foi acusado de abrigar e suprir os principais acusados, Osama Bin Laden e Al-Qaeda. O desígnio desta etapa é mostrar que, durante o mês de setembro, o governo estadunidense construiu a legitimação da ofensiva ao território afegão, que ocorreu em outubro de 2001, pautado na rememoração tendenciosas de outras circunstâncias históricas, como o nazismo, equiparando com os novos inimigos *terroristas*.

No capítulo dois, estudamos o cenário posterior aos atentados, destacando a invasão do Afeganistão pelas tropas anglo-americanas. Avaliamos a ação do governo Bush em torno

da ocupação, destacando que o mesmo seguiu interesses próprios. Para isto, fomentamos análise da situação mediante conceitos, tais como: polarização, identificação e diferenciação, preponderantes para entendermos aquele contexto.

No que diz respeito à polarização da Guerra ao Terror, consiste em uma análise que aponta o mundo dividido em dois grupos estanques e maniqueístas após o 11 de setembro: de um lado a representação do “Bem” ficou com os Estados Unidos (cristão) e aliados, e do outro a encarnação do “Mal” por Osama Bin Laden e seu grupo, a Al Qaeda, bem como o regime Talibã. Em suma, o escopo é explicar este conceito engendrado ao cenário de invasão militar ao Afeganistão pelos EUA, difundido por George W. Bush, como reação aos ataques. Nesse momento, mobilizamos o segundo conceito, que se trata de um processo duplo de identificação/diferenciação.

No processo de identificação/diferenciação, o espaço do “Bem” (Ocidente/EUA) e o espaço do “Mal” (Oriente/Afeganistão) são definidos segundo versão oficial difundida pelos pronunciamentos de Bush, que emergiu na sequência dos ataques. Nesse estágio, examinamos a identidade do inimigo, bem como, a estigmatização do território no qual se encontra. Para isto, tivemos Maurice Halbwachs (1990) como referencial teórico, especificadamente, a sua definição de “espaço religioso”. Após identificar os grupos inimigos e possíveis esconderijos, há a diferenciação dos espaços, na qual os EUA representam o Estado da liberdade, enquanto outros países, como o Afeganistão, foram designados de governos ultrapassados, liderados por bárbaros, apoiadores dos *terroristas*. Uma mensagem que logo se planetarizou.

Na última parte do capítulo, examinamos as implicações do discurso à Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de novembro de 2001, no qual George Bush expôs o grau de periculosidade que o *terrorismo internacional* poderia causar aos governos ocidentais caso estes não se juntassem à luta, uma vez que, para o presidente norte-americano, o terror sistemático perpetrado contra os EUA foi um aviso aos demais países, alertando que “Os terroristas estão planejando mais assassinato – talvez no meu país, ou talvez no seu. Eles matam porque eles aspiram dominar. Eles buscam derrubar governos e desestabilizar regiões inteiras”⁴ (BUSH, 2001, p. 84). Com tal retórica, Bush globalizou a ameaça *terrorista* a outros espaços.

Na quarta e última parte da dissertação, as Considerações Finais, apresentamos uma síntese do que examinamos durante a dissertação, dando ênfase na relevância dos ataques,

⁴“the terrorists are planning more murder — perhaps in my country, or perhaps in yours. They kill because they aspire to dominate. They seek to overthrow governments and destabilize entire regions”.

questionando a “democracia” a ferro e fogo exportada pelas tropas estadunidenses em países como Afeganistão, além de tecer breve crítica à ideologia da Guerra ao Terror, articulada como intervenção humanitária, mas que serviu e serve, em verdade, como justificativa aos interesses dominantes da potência estadunidense. Por fim, apontamos novas problemáticas que poderemos discutir em trabalhos futuros, defendendo a hipótese que ressalta à construção de uma memória do *terrorismo* pelo governo estadunidense com finalidade própria.

Damos destaque também para os Anexos, compostos de uma seleção de pronunciamentos oficiais, retirados dos arquivos virtuais da Casa Branca, que podem servir de *corpus* documental para pesquisadores ou objeto de análise para curiosos do tema *terrorismo*. Nesse sentido, compilamos documentos que dizem respeito aos quatro primeiros meses de 2001, todos na íntegra.

Confirmamos que esta pesquisa lidou com percalços relevantes pelo caminho. Sabemos que nos falta uma longa jornada até lapidarmos o objeto com mais acuidade e substância. Tentaremos, nos próximos anos, lançar novos olhares sobre este tema tão relevante. A missão é complexa, principalmente, por se tratar de uma investigação tão atual, mas levamos conosco o empenho e a certeza de que sempre vale a pena tentar.

2 Setembro de 2001 e os vinte dias que mudaram o mundo

Passava das oito horas da manhã do dia 11 de setembro de 2001 quando o voo 11 da *American Airlines* decolou do Aeroporto Internacional Logan, em Boston, com destino a Los Angeles levando noventa e duas pessoas a bordo. Quinze minutos depois, partiu do mesmo aeroporto o voo 175 da *United Airlines* com sessenta e cinco passageiros que igualmente se dirigiam a cidade californiana. Quase simultaneamente, outro *boeing* da *American Airlines* iniciava sua rota saindo de Washington DC com mesmo destino dos aviões anteriores, sessenta e quatro pessoas estavam a bordo do voo 77. Mas, qual a importância desse tráfego aéreo? Por que merecem destaques?

Seria mais um dia comum, não fosse o relato aflito via *AirPhone* de uma aeromoça alertando que alguém foi esfaqueado na classe executiva do voo 11. A situação se agravou quando uma transmissão advinda da cabine do piloto deste avião chegou aos rádios da Administração Federal da Aeronáutica (FAA, sigla em inglês). Tratava-se de ameaças feitas por alguém que havia tomado o controle da aeronave. Buscando explicações para o que estava acontecendo, a FAA tratou de notificar ao Comando de Defesa Aérea da América do Norte (NORAD, sigla em inglês) a possibilidade do *boeing* da *American Airlines* ter sido sequestrado. Suspeita que se tornou mais evidente quando o mesmo começou a mudar sua rota em direção a Nova Iorque.

Quarenta e seis minutos após sua decolagem e percurso pelos céus norte-americano, o transporte aéreo, a uma velocidade de 790 km/h, colidiu com a Torre Norte de um dos principais edifícios dos Estados Unidos, o *World Trade Center* (WTC) – referência econômica e financeira novaiorquina e nacional. Ninguém que estava na zona de impacto que se estendeu do 92º ao 99º andares sobreviveu. A fumaça espessa que brotava do topo do edifício, somado aos corpos carbonizados e/ou dilacerados das vítimas fatais misturavam-se com o desespero de dezenas de outros indivíduos que estavam nos andares acima e, numa tentativa suicida de não inalar a fuligem tóxica que emanava dos destroços, saltavam para morte. O terror daquele momento era nítido, espectadores e profissionais envolvidos acompanhavam a tragédia pasmados.

Fotografia 1: Um homem mergulha para morte. Demonstra os níveis de tensão e desespero que a primeira colisão, contra a Torre Norte, causaram nas pessoas que estavam no local, principalmente, acima do andar 99, no qual dezenas optaram pelo mesmo fim.



Crédito: Richard Drew, 2001⁵.

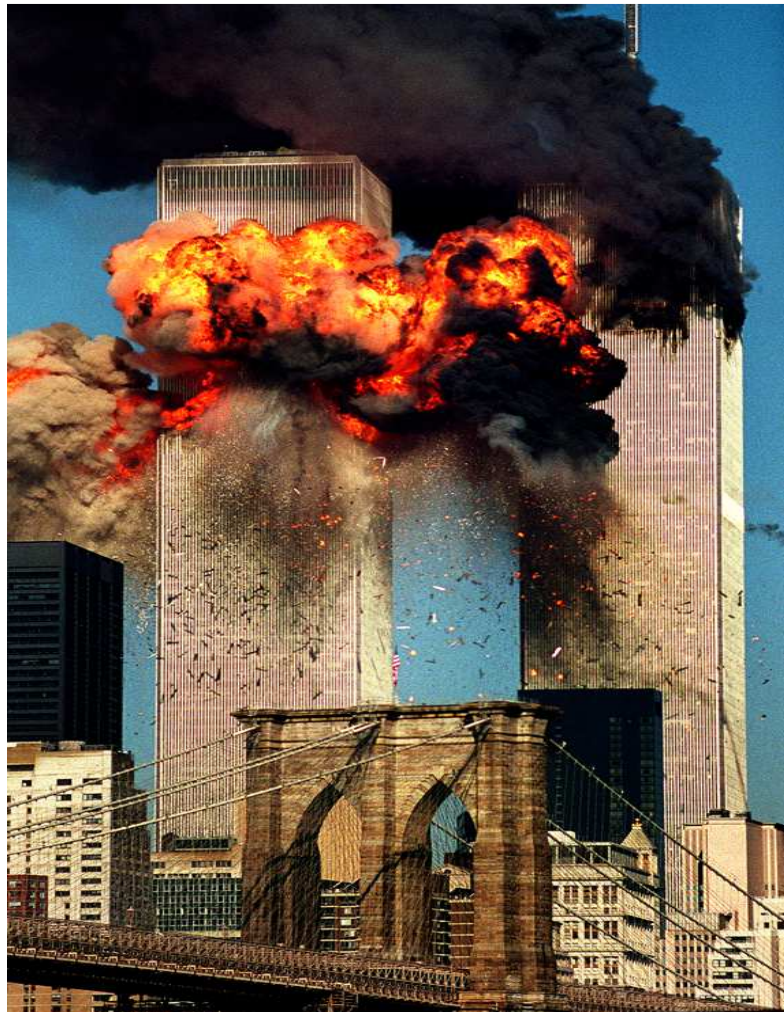
Após a colisão, o conselho de segurança do complexo empresarial WTC tentou acalmar as pessoas que ainda estavam nos prédios antes de evacuá-las, mas não obtiveram êxito. O pânico era iminente dentro e fora das edificações. Medo que estendeu seu raio de ação, principalmente, porque o canal de notícia CNN iniciou transmissão internacional ao vivo do que estava acontecendo em uma das principais metrópoles dos EUA. Em pouco tempo, câmeras de TV, rádios, máquinas fotográficas dirigiram-se para aquela imagem aterradora, compartilhada em cada rincão do planeta. O mundo inteiro voltou seus olhos para as cenas que pareciam terem saído de um filme hollywoodiano.

Dez minutos após o ocorrido na Torre Norte, o voo 175 da *United AirLines*, que da mesma forma partiu de Boston para Los Angeles, também mudou sua rota em direção a Nova Iorque. Mas, antes que a FAA confirmasse o sequestro de mais um *boeingeste* colidiu com a Torre Sul do WTC a uma velocidade de 950 km/h, atingindo quase dez andares. Diferente do primeiro incidente, as imagens do avião se chocando com o segundo edifício foram transmitidas em tempo real. Grande parte do combustível que a aeronave carregava

⁵ Disponível em: <<http://migre.me/pQyTw>>. Acessado em 21 de março de 2015.

transformou-se rapidamente em enormes bolas de fogo, capturadas pelas lentes de inúmeros jornalistas que cobriam o embate ocorrido pouco menos de vinte minutos antes. Novamente, o aço retorcido se misturou com fuligem e sangue, a fumaça derivada dos impactos percorreu os céus da ilha de Manhattan, transformando mais um dia de sol em cenário de terror.

Fotografia 2: Momento do choque entre o voo 175 da *United AirLines* e a Torre Sul do WTC. Esta cena é emblemática e percorreu o mundo, sobretudo, porque foi transmitida ao vivo para todo o planeta, captando os atentados que mudaram as relações internacionais



Créditos: Steve Ludlum, *New York Times*, 2001⁶.

Em meio ao caos instaurado pelas duas colisões, gritos de socorro e pavor ecoavam dentro e fora do WTC. Outro acidente? Seria uma mórbida coincidência. Para as autoridades governamentais a possibilidade de ataque aos EUA era latente. Nesse ínterim, membros da Casa Branca procuraram avisar com urgência o presidente George W. Bush, que estava em uma escola primária na Flórida, a situação catastrófica que os novaiorquinos passavam,

⁶ Disponível em: <<http://migre.me/pQyTw>>. Acessado em 21 de março de 2015.

alertando que o país, possivelmente, estava sob ataque. Bush demorou alguns instantes para digerir a informação, ficou paralisado na poltrona onde estava até se por em pé e acompanhar um dos membros da sua equipe.

Enquanto isso, imediatamente após os aviões atingirem as *TwinTowers*, Richard Clarke, *staff* responsável para a proteção nacional contra-terrorista organizou uma vídeo-conferência com os mais altos chefes militares a fim de promoverem uma resposta imediata. Desse modo, ordenou que todos túneis e pontes que ligavam Nova Iorque à ilha de Manhattan, onde se localizava o WTC, fossem fechados. As medidas de proteção também foram seguidas pela FAA, que proibiu a decolagem de todos *boeings* comerciais apenas vinte e cinco minutos após o último choque.

Contudo, ainda haviam aviões trafegando pelo espaço aéreo dos EUA, dentre eles o voo 77, que, tal qual os dois anteriores, segundo a Administração Federal da Aeronáutica também foi sequestrado, pois drasticamente mudou sua rota para Washigton. *Pari passu*, o líder máximo do país fez um breve pronunciamento ainda na escola primária, apontando que, aparentemete, o que ocorreu na cidade mais populosa da nação se tratava de atos *terroristas*.

O suspense pairava sobre os controladores de vôos que admitiram o rapto do *boeing757* em curso à capital do país, maiormente, porque nessa área se localizava importantes estruturas, como a Casa Branca (residência presidencial), o Capitólio (centro do Poder Legislativo) e o Pentágono (Departamento de Defesa). Às nove e trinta e sete a ansiedade finalmente chegou ao fim, o avião foi arremetido contra a última construção supracitada, atingindo uma das suas cinco partes. Não restava mais dúvida, a maior potência mundial estava sendo atacada.

As imagens do Pentágono em chamas dividiu a atenção das coberturas jornalísticas que passaram a transmitir não apenas as consequências das colisões às Torres Gêmeas, mas o estrago que houve em parte do principal órgão da Inteligência estadunidense. Em canais televisivos como CNN e ABC já se falavam em ataques *terroristas*, notícia que logo foi compartilhada pela grande mídia internacional, que abasteciam seus ouvintes e telespectadores com informações a todo instante.

Na sequência dos fatos, a FAA, seguindo ordens do presidente, ordenou que todos os aviões em curso pousassem incontinenti no aeroporto mais próximo, caso contrário seriam caçados pela força aérea norte-americana. Entretanto, este aviso não surtiu efeito para o *boeing757* da *United AirLines* (voo 93) que decolou antes das nove horas de Newark, Nova Jéršie, com destino a São Franscisco, Califórnia, mas desviou seu trajeto original e se

direcionava à cidade de Washington DC. Temendo mais uma tragédia, o Congresso, a Casa Branca e a sede da Agência Federal de Investigação (FBI, sigla em inglês) foram evacuados.

Apesar do terror que rondava a capital, foi a cidade de Nova Iorque que voltou a chamar atenção de todos os veículos de comunicação nacionais e internacionais, às imagens *on time* do colapso da Torre Sul do WTC, o segundo edifício atingido pouco mais de uma hora antes. Em dez segundos, toda enorme estrutura se desintegrou de uma extremidade a outra em uma gigantesca nuvem de detritos. No momento do colapso acontecia a evacuação de ambas edificações, o que favoreceu o alto índice de mortes, inclusive bombeiros, paramédicos e curiosos, surpreendidos pela queda-livre da arquitetura feita em aço e concreto.

Fotografia 3: Ilha de Manhattan desaparece em meio a poeira, logo após desabamento das Torres Gêmeas.



Créditos: Kathy Cacicedo, *Reuters*, 2001⁷.

Paralelo a tragédia novaiorquina que vitimou milhares de cidadãos de diversas nacionalidades, outra informação causou estupor mundial, o quarto avião raptado, que rumava à capital, caiu em um campo aberto nas proximidades de Shanksville, Pensilvânia. A causa da queda era desconhecida, mas, segundo a redação do jornal *The New York Times*⁸ do dia posterior aos atentados, a hipótese mais plausível foi o conflito entre sequestradores e

⁷Disponível em: <<http://migre.me/pQyTw>>. Acessado em 21 de março de 2015.

⁸ Disponível em: <http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/big/0911.html>. Acessado em 17 de Março de 2015.

passageiros, uma vez que alguns destes ligaram para seus entes queridos para avisarem o que estava acontecendo e se despedirem.

A manhã do dia 11 de setembro de 2001 parecia não ter fim. Menos de vinte minutos após a queda do voo 93, mais uma cena aterradora aconteceu: a Torre Norte do WTC também entrou em colapso. Juntas, as superestruturas possuíam um milhão de toneladas, que naquele momento se transformaram em um mar de destroços. A partir dali, o que se procedeu foi uma série de evacuações em massa por todo país. Túneis e avenidas foram bloqueados, bem como a fronteira com o México, todos os aeroportos esvaziados, o edifício da ONU, a Nasa e até a Disney procederam de igual modo.

Pouco mais de uma hora depois do colapso das *Twin Towers*, assim que pousou na base aérea em Louisiana, George Bush declarou alerta máximo não apenas aos EUA, mas a todo mundo. Dali, o então presidente rumou para outra base aérea, em Nebraska, e de lá, após algumas horas de espera e apreensão, ordenou que o levassem à Casa Branca. Às dezenove horas, Bush já se encontrava na residência presidencial e anunciou às emissoras presentes que faria uma declaração ao mundo ainda naquele dia.

Apesar de não haver estatística exata do número de vítimas no conjunto dos atentados, era evidente que milhares de vidas foram ceifadas. Uma data histórica, momentos que causaram estupor nacional e surpreendeu o mundo, tanto pelo país atingido quanto pelo estrago causado. Afinal, quem atacaria o Estado com maior influência mundial? Por quais motivações? O mundo estava à beira de uma guerra?

2.1 O poder das palavras

No seu primeiro pronunciamento após as colisões, Bush começou narrando os acontecimentos daquele dia de terror, denunciando enfática e sumariamente que o país fora agredido porque representava o “mais brilhante farol da liberdade e oportunidade no mundo”⁹, advertindo que a “própria liberdade foi atacada em uma série de atos terroristas deliberados e mortais”¹⁰ (BUSH, 2001, p. 57). Nesse sentido, fez questão de evocar a memória da fundação dos EUA na tentativa de unir os cidadãos norte-americanos em torno de premissas pautadas na ideologia nacionalista que apontava os estadunidenses como defensores da “liberdade e

⁹“brightest beacon for freedom and opportunity in the world”

¹⁰“our very freedom came under attack in a series of deliberate and deadly terrorist acts”.

tudo o que é bom e justo em nosso mundo”¹¹, retórica que se repetiu em outros pronunciamentos posteriores. Desse modo, deixou claro que, “Os ataques terroristas podem abalar as fundações dos nossos maiores edifícios, mas eles não podem tocar a fundação da América”¹² (BUSH, 2001, p. 57).

Nesse pronunciamento também foi expressado um dos conceitos-chave da política externa de George Bush, “a guerra contra o terrorismo”¹³(BUSH, 2001, p. 58), na qual todo o mundo deveria se posicionar. Foram pouco mais de seis minutos de exposição, mas o impacto das palavras do representante máximo da maior potência mundial ecoou pelo mundo. As consequências da breve arguição foram percebidas nos dias seguintes, quando outros países começaram a tomar partido acerca dos atentados.

Ao examinarmos o Brasil, percebemos que o então presidente Fernando Henrique Cardoso pronunciou estarrecido, “Isso é loucura. Pode ser a Terceira Guerra Mundial. A situação é gravíssima”¹⁴. Para FHC, os ataques foram os mais graves desde a Segunda Guerra Mundial. Ponderação compartilhada pelo Itamarati,

O governo brasileiro condena com maior veemência os atos de terrorismo insano que foram praticados hoje em território dos EUA. O Brasil lamenta a perda de inúmeras vidas inocentes que foram ceifadas por essas ações criminosas que elevam a barbárie como forma de ação a níveis inimagináveis¹⁵.

O presidenciável petista, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmou que “Aqueles que lutam pela democracia têm de repudiar esse tipo de terrorismo, porque não ajuda a ninguém, não ajuda a democracia, faz vítimas inocentes. Eu sinceramente acho que o mundo inteiro tem de condenar”¹⁶. Já o candidato Ciro Gomes foi mais taxativo, “Os democratas do mundo devem buscar fórmulas que ponham fim a esse tipo de atitude selvagem [e] A pista desse esforço deve começar pela busca da construção de uma nova ordem internacional”¹⁷. O Ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, também declarou sua análise, “os atentados podem mudar a ordem mundial e os conceitos de paz e guerra”¹⁸.

Se no Brasil as lideranças não tardaram em expor sua análise dos fatos após discurso

¹¹ “freedom and all that is good and just in our world”.

¹² “Terrorist attacks can shake the foundations of our biggest buildings, but they cannot touch the foundation of America”.

¹³ “thewaragainstterrorism”.

¹⁴ Disponível em: Jornal do Brasil, 12 de setembro 2001, p. 3. Acessado em 21 de agosto de 2014.

¹⁵ Idem. Acessado em 21 de agosto de 2014.

¹⁶ Disponível em: Folha de São Paulo, 12 de setembro, p. 4. Acessado em 17 de abril de 2014.

¹⁷ Disponível em: Folha de São Paulo, 12 de setembro, p. 4. Acessado em 17 de abril de 2014.

¹⁸ Disponível em: Folha de São Paulo, 12 de setembro, p. 4. Acessado em 17 de abril de 2014.

inflamado do governante norte-americano, não foi diferente em um dos lugares mais conflituosos do mundo. Em Gaza, Yasser Arafat, líder palestino, qualificou os ataques como “totalmente inaceitáveis”, expressando seus “pêsames ao povo americano, ao presidente Bush e ao seu governo, não apenas em [seu] nome, mas em nome do povo palestino¹⁹”, concluindo que todos estavam estupefados. As declarações de Arafat em apoio aos EUA demonstravam apreensão e era justificável, uma vez que o conflito entre Israel/Palestina poderia ser pressuposto para uma eventual intervenção militar legitimada pelo combate a um território aliado aos *terroristas*.

Apesar das palavras de apoio emitidas pelo líder palestino aos EUA, nem toda população coadunava com esse posicionamento. Com informações do Jornal do Brasil, detectamos em Nablus, na Cisjordânia, que “cerca de dois mil palestinos saíram às ruas desta cidade para festejar os atentados”²⁰ e demonstrar apoio aos suspeitos, interpretados como heróis proféticos. Contrário a essas manifestações pró-ataques, o Ministro da Defesa israelita, Benjamin Ben Eliezer, se uniu ao presidente norte-americano, salientando “a ameaça que o *terrorismo* islâmico [fazia] pairar sobre o mundo”. Nesse sentido, se a Palestina era composta por maioria muçulmana, tornava-se um inimigo em potencial tanto para Israel quanto para os Estados Unidos e isto deveria ser levado em consideração por Bush.

Nas regiões circunvizinhas ao território israelita, as tensões também eram cada vez mais evidentes após 11 de setembro. Na Ásia Central e Oriente Médio, as opiniões dos governantes mesclavam entre o apoio ao país ocidental – advindos, principalmente, dos aliados Paquistão, Arábia Saudita, Iémen e Turquia – e a contestação à política externa norte-americana, como fizeram Irã e Iraque. Nesse sentido, o movimento radical Jihad Islâmico, por meio do porta-voz NafezAzzam, alto dirigente do grupo, emitiu sucinta análise crítica sobre os ataques, “o que ocorreu nos EUA é a consequência da política americana na região mais conflituada do mundo”²¹.

Fotografia 4: Manifestantes paquistaneses em prol dos ataques queimam um boneco representando George W. Bush.

¹⁹ Disponível em: Folha de São Paulo, 12 de setembro, p. 4. Acessado em 17 de abril de 2014.

²⁰ Disponível em: Jornal do Brasil, 12 de setembro de 2001. Acessado em 20 de agosto de 2014.

²¹ Disponível em: Jornal do Brasil, 12 de setembro de 2001. Acessado em 20 de agosto de 2014.



Créditos: Jornal do Brasil²², 2001.

Mas quem estava por trás das agressões sofridas pela maior potência mundial? Qual a relação dos suspeitos com essa parte do planeta? Na versão oficial, estabelecida no pronunciamento de Bush, em 20 de setembro de 2001, ao Congresso estadunidense, o algoz começou a ser caracterizado:

As evidências que reunimos ligam todos os pontos a um conjunto de organizações terroristas vagamente afiliadas, conhecido como al Qaeda. [...] Este grupo e seu líder – uma pessoa chamada Osama bin Laden – estão ligadas a muitas outras organizações em diferentes países, incluindo a Jihad Islâmica Egípcia e do Movimento Islâmico do Uzbequistão. Há milhares desses terroristas em mais de 60 países. A liderança da al Qaeda tem grande influência no Afeganistão e apoia o regime Talibã no controle da maior parte do país²³ (BUSH, 2001, p. 66-67).

Entendemos que a designação de *terrorismo* presente nesse pronunciamento definiu os primeiros inimigos a serem combatidos, a Al Qaeda e seu principal líder, Osama Bin Laden, os quais o regime Talibã no Afeganistão foi acusado de abrigar. Contudo, quem eram

²² Disponível em: Jornal do Brasil, 12 de setembro de 2001. Acessado em 21 de Agosto de 2014.

²³The evidence we have gathered all points to a collection of loosely affiliated terrorist organizations known as al Qaeda. [...] This group and its leader — a person named Osama bin Laden — are linked to many other organizations in different countries, including the Egyptian Islamic Jihad and the Islamic Movement of Uzbekistan. There are thousands of these terrorists in more than 60 countries. The leadership of al Qaeda has great influence in Afghanistan and supports the Taliban regime in controlling most of that country. In Afghanistan, we see al Qaeda's vision for the world

esses personagens que vieram à cena naquele momento, mas já estavam em mais de sessenta países, como abordou Bush? O que defendiam? Quais suas motivações? Para entendermos estas indagações devemos voltar um pouco no tempo.

2.2 Rememorando o passado

A luta em armas fundamentada na cultura islâmica se caracterizou como contradição à reconfiguração geopolítica dos EUA no Oriente Médio em finais do século XX, principalmente, pós-Guerra Fria. Compactuamos com Chomsky (2006, p. 85), nos governos dos presidentes Ronald Reagan (1981-1989) e George H. W. Bush (1989-1993), os Estados Unidos elegeram, em substituição ao algoz soviético, “novos inimigos” para sua agenda militar. Nesse contexto, o sistema capitalista, representado pelos Estados Unidos, tomou proporções globais. Processo de amplas dimensões que reconfigurou desde a política, bem como a economia e a sociedade a níveis planetários.

A ausência de uma potência oposta, como foi a União Soviética, permitiu que os EUA fomentassem novas ameaças globais e multilaterais. Chossudovsky (2004, p.76) evidenciou que, a partir da década de noventa, os principais problemas definidos pelos Estados Unidos como ameaça à segurança global foram o narcotráfico, sobretudo, na América Latina, e o fundamentalismo islâmico no Oriente Médio, contexto que capacitou à política externa norte-americana influenciar múltiplos países, fortalecendo seu posicionamento ofensivo e militarista.

Deste prisma, as expressões islâmicas dissonantes estavam “pautadas em um fundamentalismo religioso que construiu o conflito em termos de enfrentamento entre valores espirituais e materiais” (MOREIRA JÚNIOR, 2009, p. 3). Pela versão oficial, os movimentos antiocidentais, atrelados ao ressurgimento do islamismo político-fundamentalista, passaram a ser relacionados, pela Nova Ordem Mundial (CHOMSKY, 2006), com o que se concebia por *terrorismo*. Em outras palavras, a potência Ocidental viu nos grupos insurgentes no seio do Oriente Médio e Ásia Central a chance para dar nova roupagem ao termo, atrelando-o aos movimentos políticos-fundamentalistas islâmicos que emergiram nesta região, incluindo a al-Qaeda e o Talibã.

Contraditoriamente, esses dois grupos formavam parcela considerável da resistência *mujaidin* na Guerra Afegã-Soviética (1979-1989) e foram patrocinados pelos EUA. Segundo Coggiola (2001, p. 15),

Durante esse período, os EUA financiaram, armaram e treinaram grupos guerrilheiros islâmicos antissoviéticos (de onde saíram grupos como o Talebã) ou grupos terroristas (como a *Maktab al Khidmat*, que se tornaria a rede Al Qaeda), mergulhando o Afeganistão numa guerra civil que devastou o país.

Ao avaliar o contexto que levou os “guerreiros da liberdade” *mujaidins*, como eram conhecidos pela CIA, a lutarem contra a suposta invasão comunista, percebemos que a guerra travada teve, como o suporte financeiro, as forças armadas do Estado paquistanês, aliadas aos EUA, que lhes forneceram armas e treinamentos. Michel Chossudovsky (2004, p. 13) analisa que,

Durante e depois da guerra fria, a CIA – utilizando-se do aparato de inteligência militar do Paquistão (ISI) como intermediário – teve um papel destacado no treinamento dos mujaidins. Por sua vez, o treinamento das guerrilhas, estimulado pela CIA, incorporou os ensinamentos do islã.

Mas, apesar das acusações, o pesquisador estadunidense, Peter L. Bergen (2002, p.105), pareceu não coadunar com o ponto de vista que denunciou o financiamento dos EUA aos *mujaidins*. Ele argumentou que, “Durante la guerra afgana la CIA trabajaba a través de la agencia ISI, mientras que los árabes afganos funcionaban independientemente y tenían sus propias fuentes de financiación”. Apesar da discordância de Bergen, esse não foi o discurso do assessor de Segurança Nacional estadunidense àquela época, Zbigniew Brzezinski, em entrevista ao *NouvelObservateur* tempos depois.

De acordo com a versão oficial da história, o apoio da CIA aos mujahedins começou na década de 1980, isto é, depois que os soviéticos invadiram o Afeganistão, em 24 de dezembro de 1979. Não obstante, a realidade, cuidadosamente guardada até agora, é completamente diferente. Em 3 de julho de 1979, o presidente Carter assinou a primeira ordem para o envio de ajuda secreta aos opositores do regime pró-soviético em Cabul. E, naquele mesmo dia, escrevi uma nota para o presidente, em que lhe explicava que, em minha opinião, essa ajuda induziria à intervenção militar soviética (*apud* CHOSSUDOVSKY, 2004, p. 35).

A operação secreta, articulada por Brzezinski e negada por Bergen, fora importante para o desmoronamento soviético, que, tal qual previu o *staff* estadunidense, precisou sustentar uma guerra por quase dez anos contra os *mujaidins*, patrocinados pelos petrodólares estadunidenses (CHOSSUDOVSKY, 2004, p. 35). Nesse sentido, Brzezinski indagou sobre o que foi mais importante para a história do mundo: “o fim do império soviético ou o ressurgimento do fundamentalismo islâmico?” (*apud* CHOSSUDOVSKY, 2004, p. 35-36).

Fotografia 5: O então consultor de Segurança Nacional dos EUA, Zbigniew Brzezinski (segurando a arma), com o jovem aliado, Osama Bin Laden, nos tempos de guerra Afegã-Soviética (1979-1989).



Créditos: Bettmann, 1980²⁴.

Talvez ele tenha ficado surpreendido com os desdobramentos dessa situação. Apesar do término da Guerra Fria marcar a derrocada soviética, bem como desconfigurar a geopolítica planetária, ou seja, o ordenamento bipolar (Estados Unidos x União Soviética), a Nova Ordem Mundial formatada, em síntese, segundo os pilares do capitalismo neoliberal, isto é, mediante os interesses da política externa dos EUA, criou os próprios *terroristas* que, aparentemente, estavam a frente do maior ataque sofrido pelo país.

2.3 Prenúncio de uma guerra

Apesar desses fatos rememorados, somente após os atentados a identidade dos inimigos começou a ser consolidada e, posteriormente, combatida, embora tenhamos detectado indícios do *terrorismo* enquanto ameaça latente meses antes. Isto fica evidente no pronunciamento do dia 27 de fevereiro de 2001, quando George W. Bush salientou que o país precisava de uma “estratégia clara para enfrentar as ameaças do século 21 – ameaças que são mais generalizadas e menos certas”²⁵. Era indispensável estratégias de combate “a terroristas que ameaçam com bombas, a tiranos em nações párias decididos a desenvolver armas de

²⁴Disponível em: <<http://migre.me/pQzo6>>. Acessado em 22 de Março de 2015.

²⁵“clear strategy to confront the threats of the 21st century — threats that are more widespread and less certain”.

destruição em massa”²⁶ (BUSH, 2001, p. 32). Coincidência ou não, as “ameaças do século 21” se materializaram em 11 de setembro de 2001, dia que se tornou marco para história contemporânea.

Nesse processo de formatação do *terrorismo* enquanto inimigo imediato fomentado pelas versões oficiais, apontamos que os pronunciamentos de Bush foram fundamentais, pois as opiniões objetivaram nominar sujeitos e Estados, principalmente, no Oriente Médio e Ásia Central, com fito à polarização da Guerra ao Terror, como discutiremos posteriormente. Verificamos também que suas declarações foram preponderantes para justificar as invasões militares no Afeganistão, ocorrida menos de um mês após os ataques. Neste contexto, a ofensiva em território afegão começou com a imposição de exigências feitas ao governo Talibã, que consistiram em,

Entregar para autoridades dos Estados Unidos todos os líderes da Al Qaeda que se escondem em suas terras. Soltar todos os estrangeiros, incluindo cidadãos americanos que vocês têm preso injustamente. Proteja os jornalistas estrangeiros, diplomatas e trabalhadores humanitários no seu país. Fechar imediatamente e permanentemente todos os campos de treinamento de terroristas no Afeganistão e entregar todos os terroristas e cada pessoa em sua estrutura de apoio, às autoridades competentes. Dar aos Estados Unidos acesso completo aos campos de treinamento de terroristas, para que possamos ter certeza de que eles já não estão a funcionar²⁷ (BUSH, 2001, p. 67-68).

Após as exigências serem determinadas, o Departamento de Defesa dos EUA, por intermédio de Donald Rumsfeld, deslocou um contingente militar na ofensiva contra o *terrorismo* no Oriente Médio, destacando que a guerra iniciada seria longa, dando-lhe o nome de Operação Justiça Infinita. Outro *staff* estadunidense, Collin Powell, também se posicionou, mas defendendo uma estratégia diplomática que objetivasse preparar terreno para uma posterior investida militar. Opinião oposta à perspectiva do subsecretário de Defesa, Paul Wolfowitz, que apoiava um contra-ataque imediato e em larga escala, não apenas ao Afeganistão, mas a possíveis células do *terrorismo* no Iraque e no Líbano. Rumsfeld pareceu coadunar com Wolfowitz, uma vez que deu ordens para que as tropas norte-americanas se posicionassem em zonas estratégicas situadas em países como Irã, Sudão, Síria, Líbia e

²⁶“to terrorists who threaten with bombs, to tyrants in rogue nations intent upon developing weapons of mass destruction”.

²⁷ Deliver to United States authorities all the leaders of al Qaeda who hide in your land. Release all foreign nationals, including American citizens, you have unjustly imprisoned. Protect foreign journalists, diplomats and aid workers in your country. Close immediately and permanently every terrorist training camp in Afghanistan, and hand over every terrorist, and every person in their support structure, to appropriate authorities. Give the United States full access to terrorist training camps, so we can make sure they are no longer operating.

Iraque. De acordo com os conhecimentos obtidos por meio do Jornal do Brasil, percebemos que diante das turbulências que ocorreram nos bastidores do poder estadunidense, “as autoridades de Defesa negavam-se a dizer como e para onde iriam as tropas e aeronaves, [embora] oficiais de unidades da Força Aérea americana confirmassem que já haviam recebido ordens para partir”²⁸.

No que concerne ao impacto das exigências apresentadas por Bush ao governo Talibã no Afeganistão, já havia uma mobilização articulada pelo Alto Conselho dos Ulemás (clérigos islâmicos) sugerindo a saída voluntária de Osama Bin Laden do território afegão. A declaração final estabeleceu que, “Para evitar o atual tumulto e também futuras suspeitas semelhantes, o Alto Conselho dos Ulemás recomenda que o Emirado Islâmico [do Afeganistão] convença Osama Bin Laden a deixar o Afeganistão assim que possível”²⁹. Sobre esta declaração, o Ministro da Educação do governo talibã, Amir Khan Muttaqi, acenou que o governo afegão iria seguir as linhas sugeridas pelos Ulemás, mesmo reconhecendo que a saída de Bin Laden levaria tempo. Na concepção de Muttaqi, os EUA deveriam considerar esta decisão como uma abertura para o diálogo entre os países, declarando que, “Temos certeza os Estados Unidos pensarão sobre isto e encontrarão uma solução. Guerra e Força não são as únicas soluções”³⁰.

Contudo, a reação do Estado americano não foi positiva, pois as medidas tomadas pelos Ulemás e acatadas pelos talibãs não eram suficientes. O porta-voz da Casa Branca, Ari Fleischer externou que os EUA esperavam “muito mais do que a permissão para que um homem deixe o país voluntariamente, presume-se, de um forte seguro para outro. É hora de ação, não de palavras”³¹. Corroborando com esta análise insatisfatória, o governo paquistanês, alinhado à política externa norte-americana, comunicou por intermédio do Ministro das Relações Exteriores, Abdul Sattar, que “Este é um passo significativo, mas não grande”³².

Em contrapartida, os clérigos afegãos anunciaram que eram favoráveis à deflagração da *jihad* (interpretado por guerra santa), caso os EUA ocupassem o Afeganistão. A declaração assinada pelos Ulemás alertava que, “Se os infiéis invadirem um país islâmico e este país não puder se defender sozinho, torna-se clara a necessidade de uma *jihad* envolvendo todo o mundo muçulmano”³³. Concomitante a tais asseverações, o Paquistão eclodiu em protestos antiamericanos, em apoio à resolução dos Ulemás afegãos que não obrigava Osama Bin

²⁸ Disponível em: Jornal do Brasil, 21 de setembro de 2001, p. 3. Acessado em 23 de agosto de 2014.

²⁹ Disponível em: Jornal do Brasil, 21 de setembro de 2001, p. 4. Acessado em 23 de agosto de 2014.

³⁰ Idem. Acessado em 23 de agosto de 2014.

³¹ Disponível em: Jornal do Brasil, 21 de setembro de 2001, p. 4. Acessado em 23 de agosto de 2014.

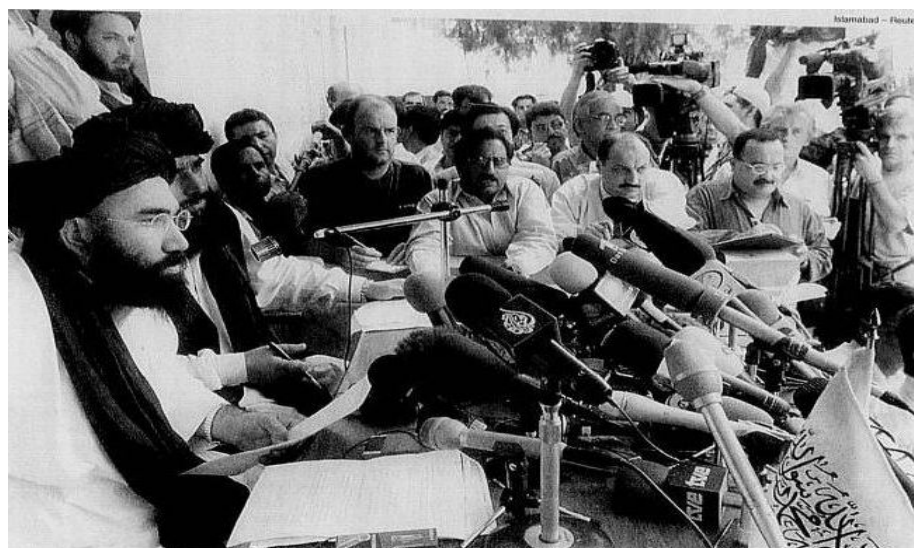
³² Idem. Acessado em 23 de agosto de 2014.

³³ Idem. Acessado em 23 de agosto de 2014.

Laden a se retirar do país. Nessa conjuntura, trinta e cinco partidos paquistaneses convocaram uma greve nacional reprovando à possível invasão norte-americana no Afeganistão³⁴.

Dois dias após as exigências feitas por Bush ao Estado afegão, representantes talibãs se pronunciaram acerca da possível ofensiva norte-americana ao país e foram contundentes ao afirmar que nada tinha alterado com relação a Osama Bin Laden, pois não havia evidencias suficientes para incriminá-lo. Para Abdul Salam Zaeef, embaixador do talibã no Paquistão, o principal procurado do governo estadunidense só seria julgado mediante provas concretas dos EUA³⁵.

Fotografia 6: Pronunciamento oficial dos representantes talibãs, no Paquistão, acerca das exigências impostas pelos EUA. Posteriormente, este discurso foi uma das justificativas apropriadas por George W. Bush para abalizar a investida ao território afegão.



Créditos: Jornal do Brasil, 2001³⁶.

Além da postura de resistência frente ao Estado americano, os talibãs precisaram encarar a coalizão interna, Aliança do Norte, que havia lançado relevantes ofensivas a zonas estratégicas do governo. Na ocasião, o Jornal do Brasil relatou o que estava ocorrendo.

A Aliança do Norte – coalizão de resistência ao regime talibã que se mantém no nordeste do Afeganistão – anunciou ontem ter realizado uma grande investida, capturando vários postos militares e dezenas de vilarejos, numa ação que, segundo o porta-voz do grupo, teria matado cerca de 180 homens do governo e capturado outros 80³⁷.

Essas acometidas foram oficialmente apoiadas pelos EUA, por meio do Secretário de

³⁴Disponível em: Jornal do Brasil, 21 de setembro de 2001, p. 4. Acessado em 23 de agosto de 2014.

³⁵Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001, p. 3. Acessado em 24 de agosto de 2014.

³⁶Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001. Acessado em 24 de agosto de 2014.

³⁷Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001, p. 3. Acessado em 24 de agosto de 2014.

Defesa, Donald Rumsfeld, que considerava, inclusive, solicitar ajuda dos opositores nas operações de combate ao *terrorismo* no território afegão. Relação que foi confirmada pelo porta-voz dos opositoristas, Harun Amin: “Estamos falando com diversas pessoas do governo americano. Os encontros têm sido muito produtivos e crescentes. Estamos em contato diariamente”³⁸. Amin ainda informou que seu grupo ofereceu “30 mil homens para participarem dos possíveis ataques liderados pelos Estados Unidos e informações de inteligência e espionagem sobre Osama Bin Laden”³⁹.

O apoio aos Estados Unidos não se restringiu à Aliança do Norte. Na Bélgica, a cúpula da União Europeia ratificou que a retaliação dos EUA era justificada por lei, “Expressamos nossa total solidariedade ao povo americano. Baseado no artigo 1368 do Conselho de Segurança, a resposta americana é legítima”⁴⁰. O porta-voz da entidade, Guy Verhofstadt, também destacou a importância de uma coalizão global contra o *terrorismo* encabeçada pela Organização das Nações Unidas (ONU). O ministro de Relações Exteriores da França também externou que a ONU considerasse a imposição de sanções aos Estados que se recusassem a seguir as regras da coalizão mundial contra o *terrorismo*. Da mesma forma, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, reivindicou o papel que a ONU deveria desempenhar nessa situação: “Foi reforçado que é vital para estes fins utilizar todos os mecanismos internacionais e, acima de tudo, a ONU e seu Conselho de Segurança”⁴¹.

A posição de Putin refletiu a situação da Rússia, que se encontrava, inevitavelmente, enredada nestes embates eclodidos no seio da Ásia Central, antigo território soviético, com apenas duas opções: cooperar com a incursão americana ao Afeganistão pela região fronteira do Uzbequistão e conservar suas tropas no Tajiquistão, ou se posicionar contra a ofensiva e demandar um gasto militar que a Rússia não conseguiria arcar, uma vez que já combatia islâmicos radicais na Chechênia. A decisão do Kremlin era difícil e, talvez por isso, salientou a importância da ONU nos conflitos que vinham ocorrendo no seu quintal⁴².

O secretário-geral da ONU, Koffi Annan, em matéria para o jornal americano *The New York Times*, traduzido pelo Jornal do Brasil, salientou o caráter global do *terrorismo* e demonstrou apoio às decisões tomadas pela Casa Branca, evidenciando o alinhamento da ONU aos interesses do governo estadunidense. Nas palavras de Annan,

³⁸ Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001, p. 3. Acessado em 24 de agosto de 2014.

³⁹ Idem. Acessado em 24 de agosto de 2014.

⁴⁰ Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001, p. 4. Acessado em 24 de agosto de 2014.

⁴¹ Idem. Acessado em 24 de agosto de 2014.

⁴² Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001, p. 7. Acessado em 24 de agosto de 2014.

Os terroristas que atacaram os Estados Unidos no dia 11 de setembro visaram uma nação, mas feriram o mundo inteiro. [...] Este foi um ataque a toda a humanidade, e toda a humanidade tem interesse em derrotar as forças que estão por trás dessa agressão. [...] Ninguém também deve pôr em dúvida a decisão internacional de combater o terrorismo pelo tempo que for necessário. Até agora, a resposta global mais eloquente aos ataques [...] foi o compromisso de estados de todas as crenças e regiões a agir firmemente contra o terrorismo. A comunidade internacional é definida não só pelo que apoia, mas também pelas coisas e pessoas que combate. As Nações Unidas precisam ter coragem para reconhecer que, assim como há objetivos comuns, há inimigos comuns⁴³.

Todavia, as palavras de Annan pareceram não ter surtido efeito na Ásia muçulmana, onde protestos em apoio ao regime talibã ganharam as ruas. No Paquistão, milhares de pessoas foram às manifestações que ocorreram em cidades como Peshawar, Islamabad, Quetta, Lahore e Karachi. Na Índia, distintas regiões foram afetadas pela ebulição mulçumana em apoio ao talibã e Osama Bin Laden; a cidade de Dacar e Srinagar, a região do Himalaia e a parte indiana da Caxemira registraram conflitos e greves decretadas pelos manifestantes⁴⁴.

Enquanto de um lado eclodiram sublevações em favor dos suspeitos, no território estadunidense, dias após os ataques, pesquisas realizadas pelo *The Washington Post* e pela rede ABC, reproduzidas pelo Jornal do Brasil⁴⁵, apontavam que 54% da população eram favoráveis à intervenção direta em países envolvidos nos ataques em 11 de setembro. Estatística que aumentou o percentual após pronunciamento do presidente dia 20 de setembro de 2001 ao Congresso, quando os números alcançaram 90% de aprovação. Além disso, metade da população estadunidense acreditava que a Guerra ao Terror poderia durar anos.

Nesse cenário de guerra iminente, o governo norte-americano estava direcionando tropas para o revide ao Afeganistão. Esta mobilização ocorreu, principalmente via Uzbequistão, após a Rússia ceder à autonomia das ex-repúblicas soviéticas nos assuntos que envolvessem os EUA e a ofensiva ao território afegão. Com aprovação do Kremlin, o diálogo entre Bush e o presidente uzbeque, IslamKarimov se estreitou, haja vista o Uzbequistão ser considerado pelo Estado americano como principal base de apoio às incursões militares, sobretudo, pela sua posição estratégica.

Ao analisar este contexto, o historiador Eric Hobsbawm (2007, p. 155) alertou que “poucas coisas pode haver que sejam tão perigosas quanto os impérios que buscam satisfazer seus próprios fins acreditando que estão fazendo um favor à humanidade”; evidenciando ainda que “por mais horripilante que tenha sido a carnificina de 11 de setembro de 2001 em

⁴³ Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001, p. 4. Acessado em 24 de agosto de 2014.

⁴⁴ Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001, p. 4. Acessado em 24 de agosto de 2014.

⁴⁵ Disponível em: Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001, p. 5. Acessado em 24 de agosto de 2014.

Nova York, o poder internacional dos Estados Unidos e suas estruturas internas não foram afetados em nada”, como alardeava o presidente George Bush. Hobsbawm complementou “se ocorreram efeitos negativos posteriores, eles não se deveram à ação terrorista, e sim [ao] governo americano” (HOBSBAWM, 2007, p.135).

Também partindo desse princípio, as ponderações do professor e analista político Noam Chomsky (2002) denunciavam o ímpeto contraterrorista do governo Bush. Em uma das suas primeiras obras após o 11 de setembro, salientou que, apesar de nada justificar as atrocidades daquele dia, só podemos “pensar nos EUA como “vítima inocente” se [ignorarmos] o histórico de suas ações e das que foram praticadas por seus aliados” (CHOMSKY, 2002, p. 38).

Todavia, os pronunciamentos de George Bush tinha por finalidade última manter os interesses do Estado norte-americano, mesmo que suas imbricações transformassem as relações internacionais contemporâneas em um estado de guerra. Na contramão de tais perspectivas estadunidenses, Tariq Ali (2002, p. 9) analisou a política internacional, frisando o contexto dos atentados e suas consequências, afirmando que “cada tragédia é condicionada por seu cenário, local e global”. Nesse sentido, o cenário no qual o pronunciamento estava inserido era complexo, e a instabilidade que rondava a relação EUA/Talibã se encaminhava para consequências imprevisíveis e de amplitude planetária.

A justificativa do Estado americano, representado por Bush, para uma possível incursão em solo afegão foi que o regime talibã estava protegendo o principal suspeito dos ataques, Osama Bin Laden. Curiosamente, como vimos, Bin Laden, quando da Guerra Afegã-Soviética (1979-1989) era aliado da *intelligentsia* estadunidense, cognominado por esta de “guerreiro da liberdade”. Uma memória que os ideólogos da Casa Branca preferiram deixar enterrada, pois o mais importante era o presidente acalmar seus civis com doses de nacionalismo, escatologia e medo, transmitidas por meio de pronunciamentos reacionários que, ora enalteciam o profetismo cristão, ora evocava o passado ou transformava os EUA em protetores da “liberdade” mundial. Selecionamos algumas dessas falas, que foram transcritas e arquivadas virtualmente pelo governo.

No dia dos ataques, George Bush (2001, p. 58), ao final do seu pronunciamento advertiu que seu país não ficaria inerte frente às agressões sofridas, ao contrário, apontou que seguiria em frente para “defender a liberdade e tudo o que é bom e justo em nosso mundo”⁴⁶, ratificando, em outro discurso três dias após a tragédia, que a responsabilidade dos EUA com

⁴⁶ “to defend freedom and all that is good and just in our world”.

a história estava clara, “responder a esses ataques e livrar o mundo do mal”⁴⁷. Na mesma mensagem tentou entender os desígnios de Deus para seu país, salientando que cada oração daqueles que clamavam eram “conhecidas, ouvidas e compreendias” pelo Criador. Em outro momento, atentou para as qualidades do povo norte-americano naquele momento de estupor nacional, aferindo que até o mundo reconhecia os estadunidenses como “generosos e bondosos, talentosos e corajosos”, concluindo que o “caráter nacional” do país foi provado “em atos eloquentes de sacrifício”⁴⁸ (BUSH, 2001, p. 60).

Na sequência dessa exposição, proferida no dia 14 de setembro de 2001, George Bush (2001, p. 60-61) rememorou outro presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, o intuito foi chamar atenção dos concidadãos para a “calorosa coragem da unidade nacional”⁴⁹. Na sequência, novamente relembrou o motivo pelo qual seu país foi atacado, “Eles atacaram a América porque somos o lar e os defensores da liberdade”, destacando que “o compromisso de nossos país é agora a vocação do nosso tempo”⁵⁰. Bush não parou por aí, continuou apontando que “Em 11 de setembro, os inimigos da liberdade cometeram um ato de guerra contra o nosso país”⁵¹ (BUSH, 2001, 66) e convocou todos os “países civilizados” a lutar em prol dos EUA, “Esta é uma luta do mundo. Esta é uma luta da civilização. Esta é a luta de todos os que acreditam no progresso, pluralismo, tolerância e liberdade”⁵² (BUSH, 2001, p. 67).

Por fim, o presidente norte-americano alertou para a responsabilidade do seu país com a humanidade, “Liberdade e medo estão em guerra. O avanço da liberdade humana – a grande conquista do nosso tempo, e a grande esperança de todos os tempos – agora depende de nós”⁵³ (BUSH, 2001, p. 72) e concluiu recordando que “Liberdade e medo, justiça e crueldade, sempre estiveram em guerra, e nós sabemos que Deus não é neutro entre eles”⁵⁴ (BUSH, 2001, p. 74).

A magnitude dessas declarações de Bush respaldaram os EUA a conclamarem-se representantes majoritários da sociedade capitalista Ocidental e arremeter o mundo numa

⁴⁷ “to answer these attacks and rid the world of evil”.

⁴⁸ “In this trial, we have been reminded, and the world has seen, that our fellow Americans are generous and kind, resourceful and brave [...] we have seen our national character in eloquent acts of sacrifice”.

⁴⁹ “Today, we feel what Franklin Roosevelt called the warm courage of national unity”.

⁵⁰ “They have attacked America, because we are freedom’s home and defender. And the commitment of our fathers is now the calling of our time”.

⁵¹ “On September the 11th, enemies of freedom committed an act of war against our country”.

⁵² This is the world’s fight. This is civilization’s fight. This is the fight of all who believe in progress and pluralism, tolerance and freedom.

⁵³ Freedom and fear are at war. The advance of human freedom — the great achievement of our time, and the great hope of every time — now depends on us.

⁵⁴ The course of this conflict is not known, yet its outcome is certain. Freedom and fear, justice and cruelty, have always been at war, and we know that God is not neutral between them.

Guerra ao Terror, adaptada ao discurso escatológico secularizado, no qual o “Ocidente cristão civilizado” se opôs ao “bárbaro Oriente islâmico”. Nesse sentido, detectamos que a apropriação ideológica dos Estados Unidos sobre as religiões envolvidas teve finalidade político-econômica e militar. Significa que a cruzada fundamentalista acionada por Bush foi em prol dos interesses estadunidenses, mesmo aumentando drasticamente a possibilidade de um futuro obscuro para o planeta. Na visão de John Gray, na obra *Missa Negra* (2008, p. 57),

Após os atentados terroristas de 11 de setembro a política americana assumiu contornos inequivocamente apocalíptico. Sustentando que os Estados Unidos eram ameaçados pelas forças do mal, Bush lançou uma campanha para erradicar o terrorismo em todo mundo. [...] Muitos dos teoconservadores que constituem a base de poder de George W. Bush esperam um fim promovido por intervenção divina. Encaram os conflitos mundiais – especialmente os que ocorrem em terras bíblicas – como prenúncio do Armagedon, uma batalha final da luta entre a luz e as trevas.

Nesta perspectiva, a saída mais plausível para mascarar os reais objetivos das classes dominantes e elites dirigentes norte-americana foi o contraterrorismo. Alicerçados sobre a estratégia de minar focos de resistência e/ou a insurgência islâmica – por meio de tópicos políticos –, a potência passou a arquitetar o controle da região da Ásia Central e do Oriente Médio. O que significava dominar também suas enormes jazidas de gás e petróleo. Por esse viés, a invasão do Afeganistão era de imenso valor para a política externa dos Estados Unidos. Na visão de Chossudovsky (2005, p. 37),

A intenção era estabelecer sua presença militar permanente no Afeganistão, país que tem uma posição estratégica, à medida que faz fronteira com a antiga União Soviética, com a China e com o Irã, além de estar no centro de cinco potências nucleares – Rússia, China, Índia, Paquistão e Kazaquistão. Assim, Bush aproveitou a oportunidade da “guerra contra o terrorismo” para estabelecer bases militares em várias ex-repúblicas soviéticas, incluindo o Uzbequistão, o Kazaquistão, o Quirguistão e o Tadjiquistão.

Inserido neste cenário, o conceito de *terrorismo*, apesar de não possuir uma acepção isenta de ideologia, sendo marcado historicamente por contrassensos teóricos e conceituais de profundas discrepâncias, ganhou rótulo de ameaça à humanidade. Uma mensagem de alcance global, maiormente as nações ocidentais.

Daí a significação excepcional de alguns emblemas lançados pelas elites governantes e classes dominantes norte-americanas em momentos de nervosismo, arrogância e paroxismos: Armagedon, Império do Mal, Eixo do

Mal, Justiça Infinita, Liberdade Duradoura, Guerras das Drogas, Guerra ao Terrorismo, Guerra ao Fundamentalismo (IANNI, 2004, p. 272).

Essas ideologias fomentaram um nacionalismo religioso que, como vimos anteriormente, acreditava ser possível conseguir um modelo cristão de governar em que cada ditame social estivesse submetido a uma lei suprema. Talvez por isso notemos um forte apelo às profecias apocalípticas na retórica de Bush (2001, p. 55) logo após os ataques, inclusive parafraseando citações bíblicas.

Como temos sido assegurados, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem coisas presentes, nem do porvir, nem a altura, nem a profundidade, pode nos separar do amor de Deus. Que Ele abençoe as almas dos que partiram. Que Ele possa confortar a nossa. E que Ele sempre guie nosso país⁵⁵.

Os fatos *a posteriori* apontaram para Osama Bin Laden e a Al Qaeda como esta personificação do Mal aludido por Bush e seu aparelho governamental. Desse modo, o *terrorismo* que veio à tona pela versão oficial dos EUA, nos vinte dias após os ataques, se tratava de uma estratégia da política externa dos EUA com finalidade de nominar inimigos transnacionais, sejam indivíduos, organizações ou Estados.

Na tentativa de entender o início da concebida Doutrina Bush, suscitamos alguns questionamentos que desenvolveremos nos capítulos subsequentes: O que é *terrorismo*? Qual sua relevância histórica? De que forma transcorreu o processo de legitimação da guerra contra o Afeganistão encabeçada pelos Estados Unidos? Quais os desdobramentos das exigências impostas pela política externa estadunidense ao regime Talibã? Como se consolidou a identidade do novo inimigo mediante a memória oficial a cerca do *terrorismo*? Sobre estas questões, discutiremos a seguir.

⁵⁵As we have been assured, neither death nor life, nor angels nor principalities nor powers, nor things present nor things to come, nor height nor depth, can separate us from God's love. May He bless the souls of the departed. May He comfort our own. And may He always guide our country.

3. A polarização da Guerra ao Terror: “nós” versus “eles”

Neste seguimento, propomos o título: *A polarização da Guerra ao Terror: “nós” versus “eles”*, pois, a nosso ver, sintetiza o cenário das relações internacionais pós-11 de setembro. Como vimos anteriormente, logo após os ataques aos EUA, o presidente George W. Bush denunciou enfaticamente que os atos eram ações *terroristas*, justificando uma resposta contundente. Desse modo, deflagrou uma caçada global aos suspeitos, Osama Bin Laden e Al-Qaeda, que começou pelo Afeganistão, na qual o governo Talibã foi acusado de abrigar e suprir. Durante o mês de setembro, Bush, por meio dos seus pronunciamentos, legitimou o assalto desse território, que ocorreu em outubro de 2001.

O intuito dessa parte da investigação é captar informações que nos ajude a entender como se estruturou tal invasão. Para isso, a análise do cenário que precedeu à ofensiva militar é fundamental, pois descortina um dos conceitos mais importantes para examinarmos a justificativa da potência à ocupação: a polarização do mundo entre as forças do “Bem” – leia-se, Estados Unidos e seus aliados – *versus* as forças do “Mal” que, *a priori*, representavam Osama Bin Laden, Al-Qaeda e o governo Talibã. Uma Guerra Santa entre “nós”, o Ocidente cristão, e “eles”, o Oriente islâmico.

Analisando este cenário, cabe problematizar: o que há para além da análise difundida pela versão oficial estadunidense acerca dos fatos? Quais os interesses concretos por detrás dessa polarização que dividiu o mundo numa espécie de cruzada moderna, monolítica e maniqueísta? Além disso, como a memória foi apropriada neste processo enquanto instrumento de legitimação de valores universais moldados segundo a lógica da política externa norte americana?

Em primeiro lugar, deixamos evidente que os atentados em 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos não apenas redefiniram a geopolítica, mas também possibilitaram novos reposicionamentos das representações do Oriente Médio para a perspectiva estadunidense. Após os ataques, encontramos nos discursos de Bush mecanismos de demonização do muçulmano enquanto principal expoente do *terrorismo internacional*, acirrando o embate entre os cristãos ocidentais e os orientais islâmicos. Nas palavras do presidente, os *terroristas* do novo milênio eram adeptos do extremismo religioso e, em se tratando dos suspeitos, se instalavam no Afeganistão.

Os terroristas praticam uma forma marginal do extremismo islâmico que [...] ordena matar cristãos e judeus, para matar todos os americanos, e não fazem

distinção entre militares e civis, incluindo mulheres e crianças. [...] No Afeganistão, vemos a visão da Al Qaeda para o mundo⁵⁶ (BUSH, 2001, p. 66-67).

Além dessa designação acerca dos *terroristas*, Bush pontuou as características singulares do novo embate, comparando-o com outros momentos de tensão na história nacional, aproveitando para reforçar a ideologia na qual a “liberdade” tornou-se sinônimo do seu país.

Os americanos conheceram guerras – mas nos últimos 136 anos, elas têm sido guerras em solo estrangeiro, com exceção de um domingo em 1941. Os americanos conheceram as vítimas das guerras – mas não no centro de uma grande cidade em uma manhã tranquila. Os americanos conheceram ataques surpresas – mas nunca antes de milhares de civis. Tudo isso foi trazido a nós em único dia – e a noite caiu sobre um mundo diferente, um mundo onde a própria liberdade está sob ataque⁵⁷(BUSH, 2001, p. 66).

Entendemos que esta linha de pensamento declarada pelo governante norte-americano demonstrava as fortes tendências que houveram nos primeiros meses após os ataques: a reconstrução do Islã enquanto imagem invertida da cultura ocidental, de matiz cristã; e a particularidade histórica da Guerra ao Terror. Assinalamos que estas implicações foram cruciais à irrupção da campanha ideológica, mundialmente difundida após 11 de setembro de 2001, pautada na polarização entre os EUA cristão x *terroristas* islâmicos.

Coadunamos com a perspectiva de Ivan Bystrina (2005), na qual este processo de valoração está constituído, principalmente, de: 1) *polarização* – exacerbação dos antagonismos de dois polos determinados, alicerçados em conceitos fechados e generalizantes, por exemplo: “bem” ou “mal”, “certo” ou “errado”, positivo ou negativo; 2) *codificação binária* – mecanismo de distinção entre dois espaços divergentes em determinado universo simbólico, na pesquisa chamamos esta definição de indentificação/diferenciação.

No que concerne a polarização do conflito em dois grupos estanques, Ocidentais (cristãos) x Orientais (muçulmanos), vemos um conflito bipolar e estigmatizado, na qual os EUA se impuseram como defensores da liberdade, agindo sempre ao lado da “verdade

⁵⁶The terrorists practice a fringe form of Islamic extremism that [...] commands them to kill Christians and Jews, to kill all Americans, and make no distinction among military and civilians, including women and children. [...] In Afghanistan, we see al Qaeda’s vision for the world.

⁵⁷Americans have known wars — but for the past 136 years, they have been wars on foreign soil, except for one Sunday in 1941. Americans have known the casualties of war — but not at the center of a great city on a peaceful morning. Americans have known surprise attacks — but never before on thousands of civilians. All of this was brought upon us in a single day — and night fell on a different world, a world where freedom itself is under attack.

absoluta” e combatendo às ameaças que tentavam abalar as estruturas de um sistema harmônico, eliminando qualquer foco de contradição. Em contrapartida, seus adversários compuseram a própria encarnação do “Mal”, repletos de aspectos negativos como violência, primitivismo, barbáries e, sobretudo, *terrorismo*.

Encontramos elementos que comprovam este processo nas reverberações de George Bush. Por exemplo, quando o então presidente (2001, p. 68) disse, “Eles odeiam [...] governo democraticamente eleito [...] Eles odeiam nossas liberdades – a nossa liberdade religiosa, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de votar e reunir e discordar entre nós”⁵⁸, explicitou que há dois polos opostos, um democrático, e outro autoritário e tirânico, polarizando o conflito entre o “Bem” (EUA) e o “Mal” (*terroristas* islâmicos). De acordo com Said (1978, p. 59), a versão monofônica, ideológica, da Guerra ao Terror que voltava sua cortina de mísseis para o Afeganistão apontava que “de um lado estão os ocidentais, do outro os orientais; os primeiros são (sem nenhuma ordem em especial) racionais, pacíficos, liberais, lógicos, capazes de ter valores reais, sem desconfiança natural; os últimos não são nada disso”.

A divisão da guerra que estava prestes a se iniciar em duas “forças” conflitantes também foram notórias quando o presidente, evocando uma memória tendenciosa, comparou os supostos *terroristas* a Estados estigmatizados como males históricos: “Esses terroristas não matam apenas para acabar com vidas, mas para perturbar e acabar com um modo de vida [...] eles seguem no caminho do fascismo, do nazismo e do totalitarismo”⁵⁹ (BUSH, 2001, p. 69). A nosso ver, ao traçar esse paralelo anacrônico, Bush tinha por finalidade exacerbar o nível de periculosidade que estava lidando e, tal qual os inimigos do século passado, deveriam ser caçados, pois representavam ameaças iminentes ao modo de vida difundido pelos EUA, encarnação do “Bem” absoluto.

Em outro momento, ao expor o perigo latente que o *terrorismo* fazia pairar sobre o país e o mundo, fez uso do discurso de um líder estadunidense antepassado, Franklin Roosevelt, que 60 anos antes denunciou o perigo da ameaça nazista em Europa. Nesse sentido, rememorou que o governante norte-americano advertiu que o governo alemão havia deixado de ser um risco ou mera possibilidade, para se tornar o terror evidente para o mundo

⁵⁸ “They hate [...] democratically elected government. [...] They hate our freedoms — our freedom of religion, our freedom of speech, our freedom to vote and assemble and disagree with each other”.

⁵⁹ “These terrorists kill not merely to end lives, but to disrupt and end a way of life. [...] they follow in the path of fascism, and Nazism, and totalitarianism”.

naquele momento, “Não só a partir de um inimigo militar, mas a partir de um inimigo de toda a lei, toda liberdade, toda moralidade, toda a religião”⁶⁰ (BUSH, 2001, p. 80).

Mas, qual a intenção dessa evocação ao passado? A nosso ver, foi provar as similitudes dos inimigos do governo Roosevelt na década de 40 do século XX com os *terroristas* do século XXI. Ao traçar essa equiparação anacrônica, Bush não apenas eivou de características negativas os suspeitos dos ataques, como justificou suas retaliações, afinal, em sua perspectiva estava lutando contra um “Mal” histórico e multifacetado, que tinha ressurgido em nova roupagem, em forma de *terrorismo* islâmico.

Desse viés, o presidente lembrou ao povo americano que Osama Bin Laden e Al Qaeda já haviam cometido outros atos igualmente criminosos contra os EUA. Nas palavras de George Bush (2001, p. 66), “Eles são os mesmos assassinos indiciados por bombardear embaixadas americanas na Tanzânia e no Quênia, e responsável por bombardear o USS Cole”⁶¹. Da nossa perspectiva, cada evocação teve por finalidade consolidar a polarização do conflito mediante evocação das memórias oficiais referente a fatos anteriores.

As referências ao passado não foram espontâneas ou fruto de emocionalismos momentâneos, sem interesses. Acreditamos que há nas palavras de Bush tentativas de direcionamento da memória sobre o *terrorismo* a partir de tais evocações. Compactuamos com a perspectiva de Jelín (2012) e Ochoa (2005), na qual avaliam ação de lembrar enquanto movimento dinâmico, que segue o ritmo das necessidades e indagações feitas na realidade vigente. Na perspectiva de Jelin (2012, p. 46), “el presente contiene y construyelaexperienciapasada y las expectativas futuras. La experiencia es un “pasado presente, cuyosacontecimientoshan sido incorporados y pueden ser recordados””. Para Mauricio Ochoa, “El estudio de la memoria [é] elestudio de la forma en que se lee, crea y recreaelpasadoen cada tiempo presente” (OCHOA, 2005, p. 9).

As lembranças que foram consolidadas na memória social daquele tempo/espço não partiram de pessoas isoladas, mas da interpretação do passado conduzida por grupos sociais engendrados a um contexto específico. Significa que Bush moldou as características de Bin Laden/Al-Qaeda fundamentado em quadros sociais provenientes das relações concretas na qual estava inserido. De acordo com tais perspectivas, percebemos que as memórias coletivas que emergiram após os atentados é fruto de um contexto específico, mas também reflexo dos interesses concretos daquele “presente histórico” (ARÓSTEGUI, 2004). Nesse sentido, há um

⁶⁰“Not only from a military enemy, but from an enemy of all law, all liberty, all morality, all religion”.

⁶¹ “They are the same murderers indicted for bombing American embassies in Tanzania and Kenya, and responsible for bombing the USS Cole”.

estreitamento proposital entre a memória dos ataques que foi se estabelecendo mundialmente e os interesses estadunidenses em polarizar a Guerra ao Terror. Paulatinamente, esta simbiose gerou a memória oficial acerca dos novos *terroristas*, isto é, os fundamentalistas islâmicos liderados por Osama Bin Laden e apoiados pelo regime talibã, no Afeganistão.

O historiador carioca Daniel Aarão Reis Filho, em entrevista ao Jornal do Brasil⁶², ponderou que o governo estadunidense estava buscando meios no mundo para a polarização em torno de suas políticas, abalizado em uma “nova cruzada moderna” na luta do “Bem” contra o “Mal”. Aarão alertou que se isto se concretizasse “a gente estaria voltando a um tempo anterior ao Iluminismo, [...] de um lado os cristãos e de outro, os mouros, numa guerra até a morte entre duas civilizações”. Concluiu atentando que “polarizar interessa tanto a Bush quanto a Bin Laden, pois assim ganhará todo o mundo islâmico”.

Nem todas as vozes eram uníssonas quando o assunto se referia à invasão estadunidense ao Afeganistão, em caçada aos *terroristas* e o governo Talibã. Em entrevista ao Jornal do Brasil⁶³, o ex-general de Israel – país que mantinha e mantém estreitas relações com os EUA –, Leo Gleser, alertou que “o cerco aos talibãs, com ameaça de bombardeio aéreo e formação de um colar de lança-mísseis em torno do Afeganistão, tende a resultar em fiasco em matéria de combate ao terrorismo internacional”.

Gleser, que atuava como especialista em inteligência e segurança da Agência Israelense de Segurança (AIS), quando do mandato da ex-primeira ministra, Golda Meir (1969-1974), avaliou que, curto prazo, uma invasão iria fortalecer o líder da Al Qaeda. Possivelmente, este obteria adeptos do Islã descontentes com as invasões estrangeiras em solo sagrado, cabe destacar que tal pensamento também fortaleceu a polarização entre o mundo ocidental e oriental. Também foi taxativo ao alegar que as consequências da invasão resultariam em uma destruição em massa aos civis afegãos. Em suas palavras, “nessa guerra ao terror [...] não há combate e sim o risco de destruição maciça. [...] Isso gera medo e, conseqüentemente, um estresse muito grande”.

Segundo o ex-general israelense, todo arsenal bélico mobilizado para incursão só reforçariam os quadros de *terrorismo*, uma vez que os bombardeios atingiriam pessoas indiscriminadamente, forjando futuros mártires em busca de vingança contra os “infiéis”. Estrategicamente, o ex-consultor de segurança recomendava uma investida “silenciosa e invisível”, sobretudo porque “Osama Bin Laden é apenas um combatente entre tantos espalhados pelo mundo”, não seria uma ataque por força bruta que acabaria com o *terrorismo*,

⁶² Disponível em: Jornal do Brasil, 07 de outubro de 2001, p. 8. Acessado em 03 de setembro de 2014.

⁶³ Disponível em: Jornal do Brasil, 07 de outubro de 2001, p. 7. Acessado em 03 de setembro de 2014.

uma vez que “depois da magnitude do atentado às Torres Gêmeas, o alvo pode estar em qualquer lugar do mundo” e não apenas no Afeganistão.

Mesmo assim, o contexto anterior à invasão não foi silencioso, mas marcado por consolidações de alianças entre governos diversos e os EUA. Dias antes da invasão, o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, foi até o Oriente Médio, epicentro do conflito, e Ásia Central, formando coalizões com países como Arábia Saudita, Turquia, Egito e Uzbequistão. Segundo informações do periódico *Jornal do Brasil*⁶⁴, assim que retornou da missão diplomática, Rumsfeld se reuniu com o presidente George Bush e o Conselho de Segurança Nacional, assegurando a viabilidade dos ataques, uma vez que países importantes da região deram total apoio aos EUA. Turquia e Arábia Saudita, além do Paquistão, liberaram seus espaços aéreos para tráfego de aviões militares estadunidenses quando da investida, enquanto o governo uzbeque viabilizou uma base de apoio às tropas invasoras em seu território.

Estas ações diplomáticas partiram não apenas do Departamento de Defesa. Ainda de acordo com o *Jornal do Brasil*, Colin Powell, secretário de Estado, também angariou adesões à incursão iminente, tais como, México, Tajiquistão, Geórgia, Kazaquistão, Ucrânia, Bahrain, Turcmênia e Japão. Além desses Estados, juntaram-se à lista, Israel, Brasil, Canadá, Itália, França, Alemanha, China e, até mesmo, Rússia – inclusive, segundo Sergei Prikhodko, *staff* do kremlin, Vladimir Putin foi contatado por Bush horas antes das operações darem início. Soma-se a estes governos o apoio da ONU e da União Europeia.

Diante desse contexto, a dicotomia construída entre “Bem” e “Mal” proferida pelos EUA é crucial, pois demonstra como governo Bush polarizou o conflito e ampliou sua magnitude em níveis planetários, a fim de transformar a luta antiterror em “um choque de civilizações” (HUNTINGTON, 1997). Nesse sentido, corroboramos com Chossudovsky (2004, p. 113), quando avaliou que Bush camuflou as reais intenções da política externa estadunidense, centradas na supremacia mundial e no domínio de um importante território energético, que lhes possibilitaram uma posição político-econômica privilegiada, sobretudo nos negócios de gás natural e, não menos, das principais rotas de exportação de ópio do mundo, que renderiam bilhões de narcodólares ao ano (CHOSSUDOVSKY, 2004, p. 115).

Para além dos discursos bifurcados proferidos por Bush e seus aliados, existiu um desígnio claro de domínio em uma das regiões mais estratégicas do planeta, uma investida minuciosamente arquitetada pelo *staff* de George Bush, pois nos parece pouco provável que eles não soubessem que estavam incitando uma reação em massa do islã, principalmente, dos

⁶⁴ Disponível em: *Jornal do Brasil*, 08 de outubro de 2001, p. 5. Acessado em 03 de setembro de 2014.

grupos radicais dissidentes que passariam a ter Bin Laden como libertador, caso invadissem o Afeganistão. Mas, talvez este fosse o plano.

3.1 O Império contra-ataca

Antes de prosseguirmos, achamos pertinente situar à pesquisa até aqui, o contexto entre os ataques aos EUA e o contra-ataque ao Afeganistão. Começamos com o primeiro dia após os atentados, quando o secretário de Estado, Collin Powell, apontou os principais suspeitos, o saudita Osama Bin Laden e a organização que liderava, Al Qaeda. Em seguida, Bush se manifestou a respeito afirmando que os EUA estavam em guerra contra o *terrorismo*, pontuando o Afeganistão como local de esconderijo dos acusados, uma vez que, supostamente, o Talibã lhes forneciam apoio.

Na sequência dos fatos, temendo represalias após discurso de Bush, no qual exigiu um conjunto de medidas imediatas contra Bin Laden, o governo afegão fechou seu espaço aéreo e posicionou aviões de defesa. Como resposta, os EUA puseram suas forças militares no Mar da Arábia em alerta máximo, ordenando o envio de mais de 100 aviões militares, navios e submarinos à região do Golfo Pérsico, além de centenas de soldados que se organizaram, sobretudo, na região limítrofe entre Uzbequistão/Afeganistão.

O estopim desse embate se deu em 06 de outubro de 2001, quando Bush rejeitou a proposta talibã de libertar oito estrangeiros mantidos como reféns – isto se os EUA retirassem as ameaças contra o Afeganistão. Não havendo sucesso nas negociações, o governo Talibã movimentou mais de oito mil combatentes para a fronteira com o território uzbeque e aumentou as defesas nas proximidades de Cabul, pois o ataque dos EUA era iminente.

O cerco ao Afeganistão estava montado no dia 7 de outubro de 2001, alianças formadas, tropas posicionadas, tudo preparado para a incursão militar em busca dos supostos *terroristas* e em retaliação ao regime Talibã, que não cumpriu as ordenanças feitas por George W. Bush. Então, segundo informações do Jornal do Brasil⁶⁵, 50 mísseis *Tomahawk*, lançados por navios americanos e submarinos britânicos localizados no Mar da Arábia, atingiram aeroportos, pistas de pouso, armazéns de munição e combustíveis, baterias antiaéreas e caças de ataques afegãos. Cidades foram impactadas, todas, aparentemente, predefinidas pelas forças anglo-americanas. Nesse ataque, foram atingidas: a capital Cabul, destruindo o

⁶⁵ Disponível em: Jornal do Brasil, 08 de outubro de 2001, p. 4. Acessado em 03 de setembro de 2014.

Ministério de Defesa; Kandahar, principal base Talibã e residência do líder do regime, mulá Mohamed Omar; Jalalabad, suposta localização da maior parte dos campos de treinamentos das operações arquitetadas por Bin Laden. Farah, Cunduz e Mazar-e-Sharif também sentiram as violentas ofensivas bélicas.

Fotografia 8: Estrada próxima a cidade de Cunduz sendo bombardeada. Este foi um dos muitos ataques via força aérea que aconteceu no Afeganistão entre outubro e novembro de 2001, na ocupação militar efetuada pelos EUA.



Créditos: Sergei Chirikov, Reuters, outubro de 2001⁶⁶.

O jornal⁶⁷ também relatou a resistência das forças talibãs, que riscavam a noite afegã com tiros a esmo tentando acertar algum inimigo que passasse, mas sem êxito. Enquanto isso, quatro horas após a primeira leva de ataques, os EUA lançaram do seu próprio território, no estado do Missouri, o moderno míssil B-2, que percorreu a distância de quase 12 mil quilômetros entre EUA e Afeganistão, sendo reabastecido duas vezes no ar por aviões-tanque, além de deflagrar mais 15 bombardeios que mobilizou 25 jatos de caça. Somam-se a esta ofensiva, as forças especiais terrestres, como o esquadrão Delta e o *Team Six* da divisão SEALS, que operavam por terra em regiões estratégicas.

No mesmo dia da ocupação, Bush (2001, p. 75), em pronunciamento, salientou que os ataques foram apoiados grandemente pelos países ao redor do mundo.

Nos unimos nesta operação com nosso amigo leal, Grã-Bretanha. Outros amigos íntimos, incluindo Canadá, Austrália, Alemanha e França, prometeram forças no desenvolver das operações. Mais de 40 países no

⁶⁶ Disponível em: <<http://migre.me/qVC7V>>. Acessado em 04 de setembro de 2014.

⁶⁷ Disponível em: Jornal do Brasil, 08 de outubro de 2001, p. 4. Acessado em 03 de setembro de 2014.

Oriente Médio, África, Europa e em toda a Ásia concederam trânsito aéreo ou direitos de aterragem. Muitos mais compartilharam inteligência. Somos apoiados pela vontade coletiva do mundo⁶⁸.

Diante dessa ofensiva consentida globalmente, a queda do poder estabelecido pelos Talibãs foi um fato anunciado. O que nos desperta interesse nessa investida tão impetuosa é saber o que justificou um país a beira de uma crise econômica, como os EUA, gastar este caríssimo poderio militar – um míssil *Tomahawk* custa em torno de 800 mil dólares⁶⁹ – em um Estado que continha em suas fileiras aeronáuticas aviões datados da época da Guerra Fria – quando EUA e *mujaidins* ainda eram aliados –, possuindo, segundo Emir Sader (2001, p. 7), um PIB 13.000 vezes menor que as duas principais potências envolvidas no ataque.

Indicamos que o processo de polarização é preponderante para entendermos as justificativas bélicas do país norte americano nessa empreitada assimétrica. A análise que traçamos neste subcapítulo busca captar, nas palavras de George W. Bush, como o Afeganistão foi retrato enquanto espaço do “Mal” à medida que os EUA se transformaram em espaço do “Bem”. Igualmente, chamamos atenção para outro processo que ocorreu concomitantemente à polarização da Guerra ao Terror, que alcunhamos de identificação/diferenciação e consistiu em exacerbar as contradições existentes entre “nós” (EUA) e “eles” (Al Qaeda/Bin Laden/Talibã), no intuito de classificar quem eram aliados e inimigos a partir do viés oficial norte-americano.

Nesse sentido, a perspectiva fornecida, mormente, por meio dos discursos de George W. Bush transmitiu uma visão deturpada do mundo islâmico, como sinônimo de irracionalidade, “Estados párias” falidos economicamente e administrados por déspotas nacionalistas, sendo, alguns deles, fundamentalistas radicais mantenedores de estreitas relações com o *terrorismo*, como o Talibã em Afeganistão. O processo de identificação/diferenciação ratifica estereótipos, tecendo uma visão homogênea acerca dos inimigos a serem combatidos, em um contexto no qual o Ocidente, centralizado nos Estados Unidos da América, e o Oriente, tendo como expoente central o Afeganistão, estavam para além de limitações geográficas, pois envolvia o mundo e os interesses político-econômicos dos EUA.

Em contrapartida, exploramos a outra história, a versão de Bin Laden, trazendo seu discurso transcrito e traduzido pelo Jornal do Brasil, em mensagem divulgada duas horas após

⁶⁸We are joined in this operation by our staunch friend, Great Britain. Other close friends, including Canada, Australia, Germany and France, have pledged forces as the operation unfolds. More than 40 countries in the Middle East, Africa, Europe and across Asia have granted air transit or landing rights. Many more have shared intelligence. We are supported by the collective will of the world.

⁶⁹Disponível em: Folha de São Paulo, 07 de outubro de 2001. Acessado em 08 de setembro de 2014.

a ocupação militar, no qual criticava os EUA e conclamava uma *jihad* abalizada pela retórica enaltecida do “espaço santo” que estava prestes a ser invadido pelos “estrangeiros infiéis”, mais uma vez na sua história.

No contexto posterior aos atentados, os EUA estigmatizaram o Afeganistão como lugar tenebroso, permeado de medo, barbárie e *terrorismo*, oposto a suposta liberdade democrática exercida no Ocidente. Desse modo, enquanto o extremismo islâmico, na figura do governo Talibã e da Al Qaeda, dominava e oprimia os habitantes afegãos por intermédio de um regime hostil, os EUA se posicionavam enquanto libertador nacional de um país fadado ao caos. Notamos isto no pronunciamento do dia 7 de outubro, quando Bush veio a público justificar as investidas em solo afegão, alegando levar liberdade a um povo oprimido por mãos de “bárbaros criminosos”. Nas palavras do então presidente, sob suas ordens,

as forças americanas iniciaram ataques contra campos de terroristas da Al Qaeda e contra as instalações do regime talibã do Afeganistão. [...] O povo oprimido do Afeganistão conhecerá a generosidade dos EUA e de seus aliados. Enquanto atacamos alvos militares, estamos também lançando comida, remédios e outros suprimentos para homens, mulheres e crianças, famintos e em sofrimento, no Afeganistão. Os Estados Unidos são amigos do povo afegão. [...] Os Estados Unidos são inimigos daqueles que ajudam terroristas e bárbaros criminosos⁷⁰ (BUSH, 2001, p. 75).

Nestas palavras, destacamos que Bush evoca sutilmente o passado ao considerar os suspeitos como “bárbaros”, uma vez que este vocábulo foi apropriado em outros tempos, por exemplo, pelos líderes cristãos da Idade Média em cruzada contra o islamismo na “Terra Santa”, tal qual os EUA estavam tentando fazer, ainda que as condições objetivas fossem outras. Além desse detalhe histórico, Bush rememora a lista de exigências não cumpridas pelo regime Tabilã, passando mensagem de que tentou resolver a situação de forma pacífica e diplomática, todavia, sem obter êxito.

Mais de duas semanas atrás, eu dei aos líderes Talibãs uma série de exigências claras e específicas: Fechar campos de treinamento de terroristas; por as mãos nos líderes da rede al-Qaeda; e devolver todos os estrangeiros, incluindo cidadãos americanos, injustamente detidos em seu país. Nenhuma dessas demandas foi atendida. E agora o Talibã vai pagar um preço. [...] Somos uma nação pacífica. No entanto, como vimos, tão de repente e tão tragicamente, não pode haver paz em um mundo de terror repentino. Diante

⁷⁰ The United States military has begun strikes against al Qaeda terrorist training camps and military installations of the Taliban regime in Afghanistan. [...] the oppressed people of Afghanistan will know the generosity of America and our allies. As we strike military targets, we'll also drop food, medicine and supplies to the starving and suffering men and women and children of Afghanistan. The United States of America is a friend to the Afghan people [...] The United States of America is an enemy of those who aid terrorists and of the barbaric criminals.

da nova ameaça de hoje, a única maneira de buscar a paz é perseguir aqueles que a ameaçam⁷¹ (BUSH, 2001, p. 75).

Desse modo, a identificação e caracterização dos EUA referente ao Afeganistão foi crucial para o desenrolar do confronto. Entretanto, Bush foi taxativo ao explicar que o território afegão, apontado como esconderijo dos supostos responsáveis pelos atentados, apesar de ser o cerne das atenções naquele momento era apenas o início de uma batalha mais ampla. Por isso, a partir daquela ocupação foi lançada a investida contraterrorista denominada “Operação Liberdade Duradoura”. Esta estratégia tinha por finalidade, nas palavras do presidente, defender “não só as nossas preciosas liberdades, mas também as liberdades das pessoas em todos os lugares”⁷² (BUSH, 2001, p. 76).

Entendemos que a investida difundida por Bush serviu, em realidade, enquanto reafirmação à ideologia da polarização e isto ficou expressada quando advertiu enfaticamente que “Cada nação tem uma escolha a fazer. Neste conflito, não há terreno neutro. Se qualquer governo patrocina os bandidos e assassinos de inocentes, eles se tornaram bandidos e assassinos”⁷³ (BUSH, 2001, p. 76). Em outro momento, além de persistir na denúncia feita ao Talibã, em abrigar e dar suporte aos acusados dos ataques, relembrou o contexto norte-americano quando da II Guerra Mundial a fim de equipará-lo as circunstâncias na qual estava inserido e motivar os seus concidadãos as batalhas porvir. Para o líder dos Estados Unidos,

O Talibã se aliou com assassinos e lhes deu abrigo. Mas hoje, para a Al Qaeda e os talibãs, não há abrigo. Como os americanos fizeram há 60 anos, entramos em uma luta de duração incerta. Mas agora, como naquela época, podemos ter certeza do resultado, porque nós temos um número de activos decisivos. Temos um país unificado⁷⁴ (BUSH, 2001, p. 81).

Não obstante, George Bush continuou com objetivo de exacerbar as características negativas do governo Talibã, formando uma identidade pejorativa que continuou respaldando o assalto ao território afegão. Dessa vez, enfatizou que tal regime foi responsável por ter trazido tão somente medo e miséria para aquele povo, ressaltando que, os líderes talibãs

⁷¹More than two weeks ago, I gave Taliban leaders a series of clear and specific demands: Close terrorist training camps; hand over leaders of the al Qaeda network; and return all foreign nationals, including American citizens, unjustly detained in your country. None of these demands were met. And now the Taliban will pay a price. [...] We're a peaceful nation. Yet, as we have learned, so suddenly and so tragically, there can be no peace in a world of sudden terror. In the face of today's new threat, the only way to pursue peace is to pursue those who threaten it.

⁷²“We defend not only our precious freedoms, but also the freedom of people everywhere”.

⁷³“Every nation has a choice to make. In this conflict, there is no neutral ground. If any government sponsors the outlaws and killers of innocents, they have become outlaws and murderers, themselves”.

⁷⁴The Taliban has allied itself with murderers and gave them shelter. But today, for al Qaeda and the Taliban, there is no shelter. As Americans did 60 years ago, we have entered a struggle of uncertain duration. But now, as then, we can be certain of the outcome, because we have a number of decisive assets. We have a unified country.

lucravam com o tráfico de heroína e expunham as mulheres a uma brutalidade feroz. Nas palavras do presidente americano,

o Talibã trouxe sobre o Afeganistão [...] o terrível fardo da guerra. O povo afegão não merece seus governantes presentes. Anos de desgoverno Talibã trouxe nada além de miséria e fome. Mesmo antes desta crise atual, 4 milhões de afegãos dependiam da comida dos Estados Unidos e de outras nações, e milhões de afegãos estavam refugiados da opressão Talibã. Faço esta promessa a todas as vítimas desse regime: os dias do Talibã em abrigar terroristas, comercializar heroína e brutalizar mulheres estão chegando ao fim. E quando esse regime se for, o povo do Afeganistão vai dizer com o resto do mundo: já vai tarde⁷⁵ (BUSH, 2001, p. 86).

Em tais palavras, notamos que o objetivo do presidente da potência Ocidental foi mostrar que, ao lutar contra o governo Talibã, presumidamente, estava não apenas eliminando os poderes centrais de um regime que abrigava membros da Al-Qaeda, mas combatendo o “desgoverno”, a “opressão”, o comércio de heroína e a brutalidade contra as mulheres. Além disso, os dirigentes desse país ao se relacionarem com os pretensos *terroristas* cooperavam com “instrumentos do mal que moram em cantos escuros da terra”⁷⁶ e cultuavam a maldade e o sofrimento humano, sendo deles “o pior tipo de violência, maldade pura”⁷⁷, concluindo que, “nos terroristas, o mal encontrou um servo voluntário”⁷⁸ (BUSH, 2001, p. 83), reafirmando o modelo “maligno” que geriu o território afegão.

Cabe ressaltar que, se o Talibã estava sendo caçado por se aliar ao *terrorismo* perpetrado por fundamentalistas islâmicos, pelo mesmo argumento os EUA deveria ser julgado, uma vez que, como já falamos, na Guerra Afegã-Soviética os próprios também financiaram e treinaram os maiores culpados dos ataques em 2001, inclusive Osama Bin Laden. Mas, as versões oficiais norte-americanas preferiram ocultar esta memória comprometedora, optando por salientar as suas características enquanto principal representante das forças do “Bem”, se diferenciando do “Mal” que habitava o Afeganistão. Este foi o objetivo de Bush (2001, p. 88) quando expôs para a Assembléia Geral das Nações Unidas que seu país,

⁷⁵the Taliban have brought upon Afghanistan [...] the terrible burden of war. The Afghan people do not deserve their present rulers. Years of Taliban misrule have brought nothing but misery and starvation. Even before this current crisis, 4 million Afghans depended on food from the United States and other nations, and millions of Afghans were refugees from Taliban oppression. I make this promise to all the victims of that regime: The Taliban’s days of harboring terrorists and dealing in heroin and brutalizing women are drawing to a close. And when that regime is gone, the people of Afghanistan will say with the rest of the world: good riddance.

⁷⁶“instruments of evil who live in dark corners of the earth”

⁷⁷“the worst kind of violence, pure malice”.

⁷⁸“intheterrorists, evil has found a willing servant”.

tem o compromisso de incentivar o desenvolvimento e expansão do comércio. O meu país tem o compromisso de investir na educação e combate à AIDS e outras doenças infecciosas em todo o mundo. Após 11 de setembro, estas promessas são ainda mais importantes. Em nossa luta contra os grupos de ódio que exploram a miséria e desespero, temos de oferecer uma alternativa de oportunidade e de esperança⁷⁹.

E não apenas isto, os americanos também tinha como escopo intervir nas discussões diplomáticas de um dos conflitos mais relevantes do Oriente Médio: o embate Israel/Palestina. Nas palavras do presidente,

O governo americano também se destaca por seu compromisso com uma paz justa no Médio Oriente. Estamos trabalhando para um dia em que dois Estados, Israel e Palestina, vivam juntos pacificamente com segurança e reconhecendo fronteiras, tal como solicitado pelas resoluções do Conselho de Segurança. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para trazer as duas partes de volta para as negociações⁸⁰ (BUSH, p. 88-89).

Podemos observar nas palavras de Bush que os EUA são portadores da liberdade mundial. Em contrapartida, no processo de identificação/diferenciação, o regime Talibã e a Al-Qaeda foram apontados como disseminadores de todo “Mal” que transformou o Afeganistão em um espaço tenebroso. Mas, qual o outro lado da moeda? Como os suspeitosse justificavam pelos atentados? O que os Estados não alinhados à retórica oficial achavam das retaliações estadunidenses ao Afeganistão?

Segundo o Jornal do Brasil⁸¹, o governo Talibã classificou a ofensiva de “ataque terrorista”, enfatizando que os EUA “jamais atingirão o seu objetivo”. Os dirigentes do Irã declararam que “os ataques são inaceitáveis”. Já o governo do Iraque descreveu a ofensiva como “agressão traiçoeira”. Mas, a análise que damos destaque é a de Bin Laden, em declaração a TV Al Jazeera. Centramos neste pronunciamento, a fim de avaliar como o líder da Al Qaeda interpretou aquele contexto que o envolvia, tecendo críticas veementes à invasão estadunidense ao espaço histórico e sacro dos muçulmanos.

⁷⁹My country is pledged to encouraging development and expanding trade. My country is pledged to investing in education and combating AIDS and other infectious diseases around the world. Following September 11th, these pledges are even more important. In our struggle against hateful groups that exploit poverty and despair, we must offer an alternative of opportunity and hope.

⁸⁰The American government also stands by its commitment to a just peace in the Middle East. We are working toward a day when two states, Israel and Palestine, live peacefully together within secure and recognize borders as called for by the Security Council resolutions. We will do all in our power to bring both parties back into negotiations.

⁸¹ Disponível em: Jornal do Brasil, 08 de outubro de 2001, p. 7. Acessado em 04 de setembro de 2014.

Fotografia 9: Bin Laden em comunicado divulgado por um dos principais meios de comunicações do Oriente Médio, a TV Al Jazeera. Neste pronunciamento, Osama evocou tradições e convocou o “mundo islâmico” para a *jihad* frente os EUA.



Créditos: Associated Press/Al Jazeera, 2001⁸².

Bin Laden começou o discurso lembrando o histórico de invasões estrangeiras àquela região e suas consequências dramáticas para os muçulmanos, alegando que a “nação islâmica tem vivido a mesma coisa por mais 80 anos, humilhação e desgraça, seus filhos e seu sangue espalhado, suas santidades profanadas”⁸³. Para entendermos essas palavras, nos orientamos teoricamente pela concepção de espaço em Halbwachs (1990), mais precisamente, sua abordagem acerca do “espaço religioso”. Para o teórico francês, a “separação fundamental, para estas sociedades (teocráticas), entre o mundo sagrado e o mundo profano, realiza-se materialmente no espaço” (HALBWACHS, 1990, p. 155). Desta perspectiva, podemos entender o pensamento teocrático do líder da Al Qaeda, pois, para ele, o local sagrado do islamismo havia sido deturpado por anos pelos invasores advindos de espaços profanos, naquele tempo “os infiéis internacionais, o símbolo moderno mundial do paganismo, [era] os Estados Unidos e seus aliados”.

Apesar das diferenças sócio-temporais existentes entre as palavras do líder muçulmano e o exame de Halbwachs acerca do espaço, notamos que este traçou uma explicação fundamental para entendermos aquele. Por exemplo, quando o teórico francês sugeriu que, “Um grupo religioso, mais que qualquer outro, tem a necessidade de se apoiar

⁸² Disponível em: < <http://migre.me/pQDRc> >. Acessado em: 27 de março de 2015.

⁸³ Todas as referências ao pronunciamento de Bin Laden partiram do mesmo texto, traduzido e divulgado pelo Jornal do Brasil do dia 08 de outubro de 2001. Acessado em 04 de setembro de 2014.

sobre [...] uma realidade que dure, porque ele próprio pretende não mudar, ainda que em torno dele as instituições e os costumes se transformem”, notamos que dessa perspectiva o cerne do pensamento fundamentalista de Bin Laden fica mais claro, a luta pela conservação do espaço sagrado, com suas leis históricas cumpridas à risca segundo interpretação dos fundamentalistas. Nesse sentido, explicitou que seu grupo era parte de uma vanguarda muçulmana levantada pelo próprio Alá, “para destruir os Estados Unidos”.

Da ótica halbwachiana, podemos entender esta interpretação religiosa pregada por Bin Laden quando o autor avaliou que “toda a religião tem também sua história, ou antes, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muito distantes no passado, e que aconteceram em lugares determinados” (HALBWACHS, 1990, p. 157). Podemos entender que ao se apropriar de tradições corânicas que evocavam a defesa do território sagrado, o expoente da Al Qaeda conclamou não apenas guerreiros treinados para o combate físico, mas todos os civis que compunham o grupo da fé islâmica. Isto ficou explícito quando exclamou, “Todos os muçulmanos devem levantar-se para defender sua religião. O vento da fé e da sorte está soprando para remover o mal da Península de Mohamed”. Nesse sentido, coadunamos com Halbwachs (1990, p. 159), “A sociedade religiosa quer se persuadir de que não mudou, ainda que tudo se transforme em torno dela”.

Não obstante, apontamos que o pronunciamento de Bin Laden também estava eivado de maniqueísmo, o que fortaleceu ainda mais a polarização do “Bem” contra o “Mal”, difundida por Bush. Nas palavras do combatente muçulmano, “estes acontecimentos dividiram o mundo em dois campos, o campo dos fiéis e o campo dos infiéis. Deus proteja nós e vocês contra eles”. Concluindo com uma ameaça, “os EUA não viverão em paz até que a paz reine na Palestina, e antes de tudo que o exército de infiéis deixe a terra de Mohamed”.

A nosso ver, apesar dos antagonismos existentes entre Bush e Bin Laden, no que tange à interpretação dos fatos, eles coadunavam com a perspectiva cruzadista do confronto, uma vez que ambos defenderam o ponto de vista da polarização religiosa do conflito. Decerto, a versão oficial do Ocidente, encabeçada pelos EUA, se sobrepôs à perspectiva *jihadista* dos acontecimentos, consolidando a potência mundial enquanto Estado do “Bem” e os supostos *terroristas* como representação das forças malignas que assolavam o mundo.

Na sequência dos acontecimentos, examinamos o pronunciamento de George W. Bush, na Assembleia Geral das Nações Unidas, no dia 10 de novembro de 2001, avaliando a planetarização da ideologia do *terrorismo* construída e gerida pelos EUA após este discurso, a fim de justificar futuras invasões à região atacada. Palavras que camuflaram seus reais interesses, pautados, como outrora falamos, na posição estratégica privilegiada em uma área

importantíssima para economia mundial, por ter relevantes áreas de extração de petróleo e gás natural, além de estarem bem próximos dos principais rivais, China e Rússia. Chamamos esta fase de globalização da Guerra ao Terror.

3.2 A dimensão global da Guerra ao Terror

O mundo nunca mais foi o mesmo após os ataques às torres do World Trade Center e ao Pentágono em 11 de setembro de 2001. Não apenas as estruturas das torres gêmeas entraram em colapso neste dia, como toda geopolítica mundial que, bruscamente, se viu enredada em uma trama sombria de implicações que perduram até hoje: a luta a ferro e fogo dos EUA contra um inimigo denominado *terrorismo*. Desde então, as sociedades têm vivido os desdobramentos desse fato, com resultados ainda imprevisíveis, mas que já vitimou milhares de pessoas em múltiplos lugares.

Quando definimos o 11 de setembro como ponto de partida da pesquisa, grosso modo, pretendemos estudar a relação deste fato com o que se convencionou por *terrorismo*. Nosso ponto de partida foi saber que tal conexão ocorreu, principalmente, por meio de ideologias, tais como Guerra ao Terror, Império do Mal, Justiça Infinita, Liberdade Duradoura, as quais estavam alinhadas segundo a lógica militar da política externa estadunidense. Acordamos com Ianni (2004, p. 272), estes jargões “São emblemas com os quais se estabelecem e restabelecem, intensificam e generalizam os ideais e as práticas, os fins e os meios com os quais a diplomacia norte-americana põe em ação a geopolítica da supremacia”.

Nesse sentido, destacamos que a Guerra ao Terror foi providencial para que o episódio se consolidasse mundialmente. Uma variante construída e difundida segundo a lógica de dominação dos EUA, a fim de polarizar o conflito na luta do “Bem” contra o “Mal” e justificar incursões como ocorreu no Afeganistão. Por isto, no presente subcapítulo, enfatizamos a difusão dessa versão oficial, principalmente, após arguição de George W. Bush aos Estados presentes à Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de novembro de 2001, que teve como escopo convencer os líderes governamentais sobre o cumprimento da missão conferida aos EUA, de livrar o mundo do “Mal”, representado pelos *terroristas* islâmicos.

Nesse contexto, o Estado norte-americano passou a reforçar o unilateralismo da sua política externa, inclusive na imposição de ideias, justificado pela expansão do combate ao

terror. As ações interpretadas como terroristas pela Inteligência dos EUA globalizaram-se, concomitante à emergência da polarização do mundo entre aliados e inimigos. “Tudo isso impregnado das ideias de “bem” e “mal”, “pecado”, “castigo” e “redenção”, ou “Armagedon” e “Civilização”” (IANNI, 2004, p. 273).

Em pronunciamento aos representantes governamentais presentes à Assembleia, Bush conclamou uma união global contra o *terrorismo*, justificando que a afronta sofrida por seus país deveria impactar o mundo e “todas as religiões”, uma vez que se tratava de um inimigo que fez vítimas de muitas nações.

Vamos nos defender e defender nosso futuro contra o terror e violência anárquica. [...] O sofrimento de 11 de setembro foi infligido em pessoas de muitas religiões e muitas nações. Todas as vítimas, incluindo os muçulmanos, foram mortas com a mesma indiferença e igual satisfação pelos líderes terroristas. Os terroristas estão a violar os princípios de todas as religiões, incluindo a que invocam⁸⁴ (BUSH, 2001, p. 83).

Vemos nestas palavras a reafirmação do maniqueísmo no qual o conflito estava fundamentado: o ideal do “Mal” absoluto que ameaçava não apenas os EUA, mas o mundo inteiro, inclusive os próprios muçulmanos. Nesse sentido, o então presidente foi incisivo ao ratificar a globalização do *terrorismo*, alertando que todos os países eram alvos em potencial.

Cada nação tem uma participação nesta causa. Como nos encontramos, os terroristas estão planejando mais assassinato – talvez no meu país, ou talvez no seu. Eles matam porque eles aspiram dominar. Eles buscam derrubar governos e desestabilizar regiões inteiras⁸⁵ (BUSH, 2001, p. 84).

Desse viés, George Bush aproveitou para salientar a origem das Nações Unidas, quando da II Guerra Mundial, novamente fazendo referência comparativa entre o “Mal” de outrora, simbolizado pelo nazismo, e o “Mal” do século XXI, identificado nos *terroristas* da Al-Qaeda e no governo Talibã, que os apoiavam. Nas palavras do representante da potência mundial,

A Nações Unidas foi fundada nesta causa. Em uma segunda guerra mundial, nós aprendemos que não há isolamento do mal. Afirmamos que alguns crimes são tão terríveis que ofendem a humanidade, em si. E nós resolvemos

⁸⁴ We will defend ourselves and our future against terror and lawless violence. [...] The suffering of September the 11th was inflicted on people of many faiths and many nations. All of the victims, including Muslims, were killed with equal indifference and equal satisfaction by the terrorist leaders. The terrorists are violating the tenets of every religion, including the one they invoke.

⁸⁵ “Every nation has a stake in this cause. As we meet, the terrorists are planning more murder — perhaps in my country, or perhaps in yours. They kill because they aspire to dominate. They seek to overthrow governments and destabilize entire regions”.

que as agressões e ambições dos ímpios devem ser combatidas cedo, de forma decisiva, e coletivamente, antes que elas ameacem a todos nós. O mal está de volta, e essa causa é renovada⁸⁶ (BUSH, 2001, p. 83).

Se o “Mal” estava de volta e não havia terreno neutro nesta guerra polarizada cada país tinha que se posicionar: ou estavam com os EUA, ou com os *terroristas*. Bush deixou exposto as demais lideranças o que outrora também havia alertado ao seu próprio povo, isto é, que “a liberdade (EUA) e medo (*terroristas*) estão em guerra”⁸⁷. Nesse contexto, ele examina e resume as condições dos governos mundiais na Guerra ao Terror. Na arguição, interpretou os diferentes posicionamentos dos países com relação ao combate. Em suas palavras,

Algumas nações querem fazer a sua parte na luta contra o terror, mas dizem-nos que não têm os meios para fazer cumprir suas leis e controlar suas fronteiras. Estamos prontos para ajudar. Alguns governos ainda fecham os olhos para os terroristas, esperando que a ameaça vão passar por eles. Eles estão enganados. E alguns governos, embora se comprometendo a respeitar os princípios das Nações Unidas, lançaram sua sorte com os terroristas. Eles os apóiam e abrigam, vão descobrir que seus convidados bem-vindos são parasitas que irão enfraquecê-los, e, eventualmente, consumi-los. Para cada regime que patrocina o terror, há um preço a ser pago. E vai ser pago. Os aliados do terror são igualmente culpados de assassinato⁸⁸ (BUSH, 2001, p. 85-86).

Entendemos que, ao planetarizar a ideologia do *terrorismo* como ameaça à humanidade, George Bush, possivelmente, tencionava expandir a geopolítica das elites governantes e classes dominantes dos EUA pautadas no complexo industrial-militar e na continuação da Guerra ao Terror, uma vez que o embate premente aumentaria exponencialmente os lucros das corporações bélicas. Desse modo, os atentados foram comemorados pelos industriais tecno-militares e outras grandes corporações que encontraram em Osama Bin Laden e na Al Qaeda, a justificativa necessária para ampliação do raio de controle político-econômico. Sobre isso, Tariq Ali (2002, p. 369) observou que

⁸⁶The United Nations was founded in this cause. In a second world war, we learned there is no isolation from evil. We affirmed that some crimes are so terrible they offend humanity, itself. And we resolved that the aggressions and ambitions of the wicked must be opposed early, decisively, and collectively, before they threaten us all. That evil has returned, and that cause is renewed.

⁸⁷ “freedom and fear are at war”.

⁸⁸ Some nations want to play their part in the fight against terror, but tell us they lack the means to enforce their laws and control their borders. We stand ready to help. Some governments still turn a blind eye to the terrorists, hoping the threat will pass them by. They are mistaken. And some governments, while pledging to uphold the principles of the U.N., have cast their lot with the terrorists. They support them and harbor them, and they will find that their welcome guests are parasites that will weaken them, and eventually consume them. For every regime that sponsors terror, there is a price to be paid. And it will be paid. The allies of terror are equally guilty of murder.

A indústria de armamentos cria um setor estável, que não é afetado pelas flutuações da economia [...] Assim, todos os monopólios de defesa garantiam um lucro automático [...] Desenvolveu-se uma simbiose entre a indústria de defesa, os oficiais superiores das forças armadas e os políticos, levando à existência de um poderoso nexo militar-industrial-político.

Ao mesmo tempo em que se arvoravam como defensores da paz e dos direitos humanos, os EUA elevaram suas receitas com vendas de armas e tecnologias em segurança antiterror. Os números pesquisados pelo *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI, sigla em inglês)⁸⁹ forneceram-nos uma visão da natureza lucrativa da venda de armas nos anos que se seguiram aos atentados: das 100 maiores indústrias militares até 2009, 78 estavam nos Estados Unidos (45) e Europa Ocidental (33) – leia-se, Finlândia, França, Alemanha, Itália, Noruega, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido. Juntas, arrecadavam em média 367 bilhões de dólares ao ano. Para Susan Jackson, uma das coordenadoras da pesquisa, o motivo era claro: “Os gastos do governo dos EUA em bens militares e serviços é um fator chave no aumento de vendas de armas”⁹⁰.

Esta corrida armamentista, dinamizada pela globalização do *terrorismo*, transformou o mundo em um celeiro bélico sem precedentes. Não obstante, o conceito de dissuasão nuclear ficou à deriva, enquanto a militarização ecoava por países como: China, Rússia, Iraque, Coreia do Norte, Índia, Síria, dentre outros. Nos Estados Unidos, bilhões de dólares foram investidos no desenvolvimento de novas armas; o F-22 *Raptor*, o *Joint Strike Fighter*, o tecnológico escudo míssil e o arsenal de armas a laser, bem como os sofisticados *drones* (aviões não tripulados) foram algumas das invenções.

Também é importante chamar atenção para o Programa de Investigação de Aurora Ativa de Alta Frequência (HAARP, em inglês). Inaugurado em 1993 e com um investimento que alcança 200 milhões de dólares por ano, o projeto foi retomado após os ataques e visava compreender o funcionamento das transmissões de ondas de rádio na faixa da ionosfera, buscando melhorar a captação de frequências, o que seria de grande valia tecnológica na área das multicomunicações – rádios, celulares e GPS, por exemplos. Todavia, a injeção de energia das antenas do HAARP podia causar um superaquecimento capaz de aumentar em alguns graus centígrados o clima de regiões receptivas a carga. Na visão de Chossudovsky (2004, p. 142), esse instrumento se utilizado de forma marcial pode “desestabilizar economias

⁸⁹The SIPRI Top 100 arms-producing companies, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/qVyqa>> Acessado em 02 de agosto de 2013.

⁹⁰The SIPRI Top 100 arms-producing companies, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/qVyqa>> Acessado em 02 de agosto de 2013.

nacionais por meio da manipulação climática sem que o inimigo perceba, a um custo mínimo e sem envolver pessoas e equipamento militar, como ocorre em uma guerra convencional”.

Estamos de acordo com Ianni (2004, p. 275), “Trata-se de uma vasta e poderosa tecnoestrutura estatal, acoplada às vastas e poderosas tecnoestruturas das corporações transnacionais; com as quais se resgatam e recriam, todo o tempo, os mitos “peregrino” do “excepcionalismo” da nação da “fronteira sem fim”, além do fundamentalismo inerente à política do governo Bush.

Nesse contexto, foi indispensável identificar e caracterizar o inimigo a ser combatido, para assim reproduzir a versão oficial do *terrorismo*. Por isso, no mesmo pronunciamento às Nações Unidas, o governante norte-americano foi taxativo ao diferenciar os adversários, salientando os desígnios destes para o mundo, aferindo sobre a gravidade do problema. Em suas palavras, “Esses mesmos terroristas estão em busca de armas de destruição em massa, as ferramentas para transformar seu ódio em holocausto”⁹¹, alertando que “Eles podem estar esperando usar armas químicas, biológicas e nucleares, no momento em que forem capazes de fazê-lo. Nenhum indício de consciência iriam impedi-los”⁹² (BUSH, 2001, p. 84).

Em suma, analisamos que as palavras de George Bush tiveram por finalidade induzir os Estados ali presentes a aderirem à causa estadunidense no combate ao terror, que havia começado desde os contrataques em Afeganistão, no dia 07 de outubro de 2001. Corroboramos com as palavras de Ianni (2004, p. 278-279),

A existência de um inimigo real, ou a invenção de um inimigo ideal, fundamenta objetivos e meios da missão salvadora, [...] bem como a realização de interesses político-econômicos e socioculturais, [...] acionado pelo vasto e crescente complexo industrial militar, no qual multiplicam-se tecnologias eletrônicas mortíferas, [...] de modo a concretizarem-se danos definidos, desejados e alcançáveis.

Entendemos que, neste momento do conflito o *terrorismo* passou a ser difundido pelos EUA, representado por Bush, como uma poderosa e terrível ameaça às sociedades mundiais, um método de violência que surpreendeu a civilização Ocidental cristã e precisava ser duramente reprimido. Nessas circunstâncias, a construção/gestão de uma memória do *terrorismo* enquanto encarnação histórica do mal foi fundamental para os Estados Unidos

⁹¹“These same terrorists are searching for weapons of mass destruction, the tools to turn their hatred into holocaust”.

⁹²“They can be expected to use chemical, biological and nuclear weapons the moment they are capable of doing so. No hint of conscience would prevent it”.

alcançarem seus objetivos político-militares e econômicos na região do Oriente Médio, inclusive, como vimos, fazendo um paralelo com o contexto da II Guerra Mundial.

O combate global contra o *terrorismo*, pautada na rememoração dos ataques em 11 de setembro de 2001, serviu para ofuscar os intentos concretos por trás da invasão ao Afeganistão, ou seja, demonizar o espaço muçulmano e, em seguida, dominar suas vastas reservas energéticas com consentimento mundial, se favorecendo da posição estratégica que tinha o país oriental. Em suma, difundir seus atos de supremacia pautado na luta do “Bem” contra o “Mal”, da liberdade contra o medo.

4 Considerações finais

O título deste trabalho começa, não por acaso, com uma assertiva, “O mundo sempre lembrará o 11 de setembro”. Esta mensagem foi evocada por George Bush no último dia 11 do ano de 2001, nela o então presidente pretendeu transmitir o nível de relevância do que houve em seu país. Mas, esta afirmação também demonstrou que a lembrança da tragédia, perpetuada nas palavras de Bush, estava eivada de ideologia dominante.

O ato cometido contra a maior potência mundial se qualificou para esta pesquisa, mormente, pela intensidade e amplitude de seu efeito, além do grau de importância histórica. O simples fato de os ataques serem referidos até hoje como “o 11 de setembro”, demonstra, em nível mais básico, que a data já deixou uma marca na memória das pessoas de muitos países. Daí a importância de entendermos seus desdobramentos. Para nós, o momento de terror teve forte impacto tanto no âmbito individual como nas sociedades em geral, principalmente, por sua singularidade histórica, que opôs uma potência mundial e uma nação periférica do Oriente Médio.

Pontuamos que a Guerra ao Terror difundida por George W. Bush, como reação aos ataques, ampliou a ameaça *terrorista* a inúmeros espaços do globo. Desde então, o medo transmitido pelo novo inimigo, formatado segundo os ditames da Inteligência estadunidense (CIA), tornou-se, simultaneamente, local e mundial. Cabe destacar que, durante estes quase 15 anos posteriores aos atentados, vimos o fenômeno se globalizar: assistimos as explosões de bombas nos metrô de Londres e Madrid; acompanhamos, via mídia, perseguições, destruições e mortes em igrejas cristãs na Nigéria pelo grupo fundamentalista, BokoHaram; presenciamos, nos dias atuais, a expansão de novos grupos denominados *terroristas*, como o Estado Islâmico (ISIS, sigla em inglês), que é conhecido pelas brutais execuções de reféns, tudo divulgado via internet; e testemunhamos recentemente os ataques à revista satírica Charlie Hebdo, na França, deixando 12 mortos e 11 feridos. Poderíamos citar outros tantos casos que tiveram envolvimento de grupos caracterizados por *terroristas*, mas, o que nos interessa é o ponto de convergência entre esses ataques: todos tiveram como fio condutor o extremismo islâmico.

Da nossa perspectiva, desde o alerta feito por Bush nos primeiros meses após o 11 de setembro, acerca da ameaça global que o *terrorismo* representava para as “sociedades democráticas”, a Guerra ao Terror se tornou sinônimo da caçada maniqueísta dos EUA ao extremo oposto da “civilização cristã”, o fundamentalismo islâmico. Todavia, os inimigos do

Ocidente se alternaram no decorrer do século XX, segundo as táticas e estratégias da conjuntura política e econômica vigente. Na década de 40 foi o nazismo alemão, depois o comunismo soviético e, naquele tempo e espaço, o *terrorismo jihadista*. Com relação aos últimos, sua identidade foi possível ao rememorar fatos antepassados, no intuito de reproduzir mundialmente características generalizadas e negativas, atrelando os oponentes a ideologia do “Mal”.

Para enxergarmos este processo é necessária uma análise que transcenda a superfície do que nos foi/é fornecido pela versão oficial, uma vez que tal explicação só reproduz a lógica da política norte-americana posterior às agressões sofridas, “Unam-se a nós sob o cobertor de proteção, ou serão destruídos [pois] os Estados Unidos precisam se tornar uma presença universal” (BARBER, 2005, p. 87-88). As elites governantes e classes dominantes dos EUA se apropriaram da justificativa pautada no combate ao *terrorismo*, mesmo se tratando de um fenômeno localizado em diversos momentos da história, não possuindo definição homogênea. A ideologia dominante que caracterizava os supostos *terroristas* como “inimigos da liberdade” estava sob as rédeas dos EUA, e foi difundida globalmente como verdade absoluta.

Por conseguinte, após os ataques, toda a política externa dos Estados Unidos tomou rumo diferente, visto que o governo se voltou com mais afinco em intervenções, inclusive pela força, em todos os territórios do planeta os quais as ameaças *terroristas* estivessem supostamente presentes. Nessa perspectiva, a “democracia” levada ao Oriente Médio, começando pelo povo afegão, foi implantada a ferro e fogo, custe o que custar. O então presidente da potência mundial fez questão de salientar que, “Nossos inimigos cometeram o erro que os inimigos da América sempre cometem. Eles viram liberdade e pensaram que viram fraqueza. E agora, eles vêem a derrota”⁹³.

A implantação da “democracia” nos moldes estadunidenses era um empreendimento quase impossível no território afegão, essencialmente pelas questões étnicas e religiosas marcantes. Por isso, mesmo transcorrido quase quinze anos desde que a agenda militar norte-americana optou por levar a “paz” e combater o terror nesse espaço mediante a mira de fuzis e mísseis teleguiados as condições político-sociais não melhoraram, ao contrário, ficaram ainda piores, dado o grau de tensão que perpassa a sociedade desse lugar.

Os agentes do capitalismo neoliberal, bandeira levantada pelas corporações energéticas e bélicas dos EUA, disfarçados de interventores humanitários, exploraram estados

⁹³Our enemies have made the mistake that America’s enemies always make. They saw liberty and thought they saw weakness. And now, they see defeat.

economicamente mais fracos por meio de articulações que se centravam na maximização dos lucros pela extração de matéria-prima (CHOSSUDOVKY, 2004). Quando a busca pôs o mundo em situação de insegurança, gerada por contradições inerentes ao próprio sistema, como os supostos *terroristas*, o Estado norte-americano atuou como líder do capitalismo mundial. A nosso ver, na lógica estadunidense o que importava não era a “democracia”, muito menos os direitos humanos, mas os interesses econômicos e a consolidação da supremacia mundial, especialmente, em uma importante zona energética como o Afeganistão.

Além disso, um exemplo dessa estratégia de domínio que ocorreu nos anos subsequentes foi à invasão ao Iraque (2003). Não entraremos em detalhes, mas, corroborando com a análise de Noam Chomsky (2006, p.31), cremos que esta ocupação também foi acionada segundo agenda político-econômica e militar do governo norte-americano. O embate durou anos e o saldo foi à dizimação da estabilidade interna do país médio asiático que vitimou quase 115 mil pessoas (CHOMSKY, 2006, p. 34). Nesse sentido, ratificamos que os EUA, priorizaram sua agenda econômica em detrimento da segurança dos Estados invadidos, como o território iraquiano e também o afegão, que foi nosso destaque no decorrer da pesquisa. Diante disso, não seria exagero questionar se a principal potência do Ocidente é provedora de segurança ou ameaçadora à paz internacional.

Ao final da pesquisa, assertamos que as relações internacionais sofreram um impacto relevante quando dos atentados em 11 de setembro de 2001 aos EUA. Desde este fato histórico, marcante pelas imagens em tempo real dos três aviões comerciais transformados em armas cinéticas altamente explosivas, o mundo vive em medo constante e artificial. Há pouca informação segura acerca das agressões cometidas contra o território norte-americano, embora a versão oficial prevaleça.

Da perspectiva dominante, por exemplo, ao lembrarmos o que ocorreu naquele dia, associamos a figura de Osama Bin Laden ao principal acusado de arquitetar a tragédia. Esta memória que concebeu Bin Laden e Al Qaeda como a própria encarnação do “Mal”, foi anunciada em cada rincão do planeta. O criminoso responsável tanto pela carnificina em território estadunidense quanto pela caçada *contraterrorista* que levou os Estados Unidos a devastar a sociedade afegã. Mas, coincidência ou não, também foram ameaças ideais para o momento de crise político-econômica por que passava o governo estadunidense. González (2002, p. 48) foi conciso ao analisar que os “atentados de las Torres Gemelas y del Pentágono funcionarán como catalizadores y precipitadores de una crisis que ya estábamos viviendo en la economía internacional, pero que dentro de unos meses se [identificaram] con el brutal ataque terrorista”.

Não podemos confiar na versão estadunidense, pois foram acusações pautadas na excepcionalidade do ato, por isso não requeriu maiores esclarecimentos. Desse viés, devemos estar atentos com as explicações sumárias e polarizadas do presidente Bush que se tornaram rapidamente aceitas, como a erradicação do “Mal” pela força bruta do vasto arsenal bélico que seu Estado detinha. Ideologias como esta atingiram um sem número de pessoas de múltiplos países, principalmente, os habitantes das potências capitalistas. Através do medo disseminado pelas elucidações dos EUA, elas foram imersas em uma rede de imagens trágicas de destruição, que as induziram a um estado de emergência e trauma em todos os níveis sociais.

Desse modo, em um mundo armado, a girar o ciclo do ódio, a análise do professor Quartim de Moraes (2002) torna-se de extrema relevância:

Quantas “vocações” terroristas não há de ter suscitado o método ianque de combater o terrorismo, respondendo com massacres balísticos a atentados clandestinos. - *Tu aterrorizaste, eu contra-terrorizo; tu destruístes três prédios, eu destruo os países quete abrigam!* Respondendo a uma truculência com outra maior, vingando os corpos despedaçados com corpos esquartejados, a perversa dialética Bin Laden/Bush não [teve] síntese possível.

Destarte, esta pesquisa apontou que os primeiros meses de governo do presidente George Bush, serviu tanto para justificar a invasão do Afeganistão, quanto para polarizar a Guerra ao Terror, que respaldou investidas ulteriores. Apontamos que a estrutura político-econômica norte-americanos, constituída, majoritariamente, por megacorporações dos ramos bélico e energético, objetivava o lucro através do crescente fluxo de conflitos armados no mundo após os atentados. Por esse viés, a guerra é articulada como intervenção humanitária a fim de justificar as ocupações militares que, por sua vez, serve aos interesses dominantes firmados na agenda externa estadunidense. Sendo assim, a apologia *contraterrorista* compõe a dinâmica de controle da política internacional dos Estados Unidos em escala planetária, reflexo do capitalismo predatório de nossos dias.

Por fim, o que podemos concluir diante do que até aqui foi apresentado? Tratou-se de uma pesquisa fechada? De maneira nenhuma. Propomo-nos estudar, especificamente, os meses posteriores ao 11/09, mas salientamos que a problemática em torno dos ataques e contrataques ao longo dos anos se expandiu em escala global ganhando outros contornos. Desse modo, novas características poderão ser demonstradas em estudos futuros. Ao avaliarmos os desdobramentos dos fatos nos anos seguintes, notamos que ainda há muito à ser investigado. Por exemplo, quais os argumentos de Bush ao justificar a invasão quando da

guerra ao Iraque (2003)? Quais semelhanças e divergências entre esta e a ocupação afegã analisada neste trabalho? Além disso, podemos nos indagar se há convergências e/ou divergências na gestão mnemônica acerca dos *terroristas* quando comparamos os governos Bush e o do atual presidente, Barak Obama. Ademais, por quais motivos a memória dos ataques em 11 de setembro são evocados nos dias de hoje pela política externa norte-americana? Os inimigos permanecem os mesmo de outrora? Ou os *terroristas* se modificaram no decorrer desses quase quinze anos? Estas perguntas nos abrem vieses para novas buscas que poderemos desenvolver no decorrer dos anos, pois cremos que estas problemáticas são imprescindíveis para aqueles que se preocupam com o futuro da humanidade.

Referências

- ALI, Tariq. *Confronto de fundamentalismos*. Trad. Alves Calado, 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ARÓSTEGUI, Julio. *Retos de la memoria y trabajos de la historia*. In: Revista de Historia Contemporánea Pasado e Memoria, nº 3. Alicante: Espagrafic, 2004.
- BARBER, Benjamin. *O Império do Medo: guerra, terrorismo e democracia*. Trad. Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BERGEN, Peter. *Guerra Santa, S.A.: La red terrorista de Osama Bin Laden*. Trad. J.J. Pérez Rodríguez. Barcelona: Grupo Editorial RandomHouseMondadori, 2002.
- BUSH, George Walker. *Selected Speeches of President George W. Bush (2001 – 2008)*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov>>. Acessado em: 22 de dezembro de 2013.
- BYSTRINA, Ivan. *Tópicos de Semiótica da Cultura*. São Paulo: CISC, 2005.
- CELLARD, André. *A análise documental*. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COGGIOLA, Osvaldo. *Islã histórico e islamismo político*. 2001. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/195107533/Osvaldo-Coggiola-Isla-Historico-e-Islamismo-Politico-pdf>. Acessado em: 10 de março de 2014.
- CHOMSKY, Noam. *11 de setembro*. Trad. Luís Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. *Ambições imperiais*. Trad. C.E. de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. *Guerra e Globalização*. Trad. Ana Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- GRAY, John. *Missa Negra: religião apocalíptica e o fim das utopias*. Trad.: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª ed.. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad.: José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. 2ª ed.. Lima: IEP, 2012.

MOREIRA JÚNIOR, Deodoro José. *Islã e Terror: estratégias de construção na mídia Impressa*. Tese de Doutorado, São Paulo: Pontífice Universidade Católica de São Paulo, 2009. Disponível em: Disponível em: http://www.scielo.org/phd?script=site&lang=pt&from=0&sort=&format_pdf=0745124. Acessado em 14/01/2014.

OCHOA, Mauricio Menjívar. *Los estudios sobre la memoria y los usos del pasado: perspectivas teóricas e metodológicas*. In: *História e Memória: perspectivas teóricas e metodológicas*. Orgs. Mauricio Menjívar Ochoa, Ricardo Antonio Argueta, Edgar Solano Muñoz. Cuaderno de Ciencias Sociales, nº 135, 1º ed.. San José: FLACSO, Fevereiro de 2005.

SADER, Emir. *O império contra-ataca? Contra quem?*. In: *Jornal do Brasil*, 11 de setembro de 2001. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_12&pasta=ano%20200&pesq=terrorismo. Acessado em: 18 de outubro de 2014.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *Os (dês)caminhos da revolução iraniana*. Rio Grande do Sul: Nerint, 2009. Disponível em: www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo1064.pdf. Acessado em: 14 de maio de 2014.

Anexos

SELEÇÃO DE PRONUNCIAMENTOS DO ENTÃO PRESIDENTE DOS EUA, GEORGE W. BUSH, APÓS OS ATAQUES EM 11 DE SETEMBRO DE 2001

ADDRESS TO THE NATION ON THE SEPTEMBER 11 ATTACKS

THE OVAL OFFICE
WASHINGTON, D.C.
SEPTEMBER 11, 2001

Good evening. Today, our fellow citizens, our way of life, our very freedom came under attack in a series of deliberate and deadly terrorist acts. The victims were in airplanes, or in their offices; secretaries, businessmen and women, military and federal workers; moms and dads, friends and neighbors. Thousands of lives were suddenly ended by evil, despicable acts of terror.

The pictures of airplanes flying into buildings, fires burning, huge structures collapsing, have filled us with disbelief, terrible sadness, and a quiet, unyielding anger. These acts of mass murder were intended to frighten our nation into chaos and retreat. But they have failed; our country is strong.

A great people has been moved to defend a great nation. Terrorist attacks can shake the foundations of our biggest buildings, but they cannot touch the foundation of America. These acts shattered steel, but they cannot dent the steel of American resolve.

America was targeted for attack because we're the brightest beacon for freedom and opportunity in the world. And no one will keep that light from shining. Today, our nation saw evil, the very worst of human nature. And we responded with the best of America — with the daring of our rescue workers, with the caring for strangers and neighbors who came to give blood and help in any way they could.

Immediately following the first attack, I implemented our government's emergency response plans. Our military is powerful, and it's prepared. Our emergency teams are working in New York City and Washington, D.C. to help with local rescue efforts. Our first priority is to get help to those who have been injured, and to take every precaution to protect our citizens at home and around the world from further attacks.

The functions of our government continue without interruption. Federal agencies in Washington which had to be evacuated today are reopening for essential personnel tonight, and will be open for business tomorrow. Our financial institutions remain strong, and the American economy will be open for business, as well.

The search is underway for those who are behind these evil acts. I've directed the full resources of our intelligence and law enforcement communities to find those responsible and to bring them to justice. We will make no distinction between the terrorists who committed these acts and those who harbor them.

I appreciate so very much the members of Congress who have joined me in strongly condemning these attacks. And on behalf of the American people, I thank the many world leaders who have called to offer their condolences and assistance.

America and our friends and allies join with all those who want peace and security in the world, and we stand together to win the war against terrorism. Tonight, I ask for your prayers for all those who grieve, for the children whose worlds have been shattered, for all whose sense of safety and security has been threatened. And I pray they will be comforted by a power greater than any of us, spoken through the ages in Psalm 23: "Even though I walk through the valley of the shadow of death, I fear no evil, for You are with me."

This is a day when all Americans from every walk of life unite in our resolve for justice and peace. America has stood down enemies before, and we will do so this time. None of us will ever forget this day. Yet, we go forward to defend freedom and all that is good and just in our world.

Thank you. Good night, and God bless America.

NATIONAL DAY OF PRAYER AND REMEMBRANCE SERVICE

THE NATIONAL CATHEDRAL

WASHINGTON, D.C.

SEPTEMBER 14, 2001

We are here in the middle hour of our grief. So many have suffered so great a loss, and today we express our nation's sorrow. We come before God to pray for the missing and the dead, and for those who love them.

On Tuesday, our country was attacked with deliberate and massive cruelty. We have seen the images of fire and ashes, and bent steel.

Now come the names, the list of casualties we are only beginning to read. They are the names of men and women who began their day at a desk or in an airport, busy with life. They are the names of people who faced death, and in their last moments called home to say, be brave, and I love you.

They are the names of passengers who defied their murderers, and prevented the murder of others on the ground. They are the names of men and women who wore the uniform of the United States, and died at their posts.

They are the names of rescuers, the ones whom death found running up the stairs and into the fires to help others. We will read all these names. We will linger over them, and learn their stories, and many Americans will weep.

To the children and parents and spouses and families and friends of the lost, we offer the deepest sympathy of the nation. And I assure you, you are not alone.

Just three days removed from these events, Americans do not yet have the distance of history. But our responsibility to history is already clear: to answer these attacks and rid the world of evil. War has been waged against us by stealth and deceit and murder.

This nation is peaceful, but fierce when stirred to anger. This conflict was begun on the timing and terms of others. It will end in a way, and at an hour, of our choosing.

Our purpose as a nation is firm. Yet our wounds as a people are recent and unhealed, and lead us to pray. In many of our prayers this week, there is a searching, and an honesty. At St. Patrick's Cathedral in New York on Tuesday, a woman said, "I prayed to God to give us a sign that He is still here." Others have prayed for the same, searching hospital to hospital, carrying pictures of those still missing.

God's signs are not always the ones we look for. We learn in tragedy that his purposes are not always our own. Yet the prayers of private suffering, whether in our homes or in this great cathedral, are known and heard, and understood.

There are prayers that help us last through the day, or endure the night. There are prayers of friends and strangers, that give us strength for the journey. And there are prayers that yield our will to a will greater than our own.

This world He created is of moral design. Grief and tragedy and hatred are only for a time. Goodness, remembrance, and love have no end. And the Lord of life holds all who die, and all who mourn.

It is said that adversity introduces us to ourselves. This is true of a nation as well. In this trial, we have been reminded, and the world has seen, that our fellow Americans are generous and kind, resourceful and brave. We see our national character in rescuers working past exhaustion; in long lines of blood donors; in thousands of citizens who have asked to work and serve in any way possible.

And we have seen our national character in eloquent acts of sacrifice. Inside the World Trade Center, one man who could have saved himself stayed until the end at the side of his quadriplegic friend. A beloved priest died giving the last rites to a firefighter.

Two office workers, finding a disabled stranger, carried her down sixty-eight floors to safety. A group of men drove through the night from Dallas to Washington to bring skin grafts for burn victims.

In these acts, and in many others, Americans showed a deep commitment to one another, and an abiding love for our country.

Today, we feel what Franklin Roosevelt called the warm courage of national unity. This is a unity of every faith, and every background.

It has joined together political parties in both houses of Congress. It is evident in services of prayer and candlelight vigils, and American flags, which are displayed in pride, and wave in defiance.

Our unity is a kinship of grief, and a steadfast resolve to prevail against our enemies. And this unity against terror is now extending across the world.

America is a nation full of good fortune, with so much to be grateful for. But we are not spared from suffering. In every generation, the world has produced enemies of human freedom.

They have attacked America, because we are freedom's home and defender. And the commitment of our fathers is now the calling of our time.

On this national day of prayer and remembrance, we ask almighty God to watch over our nation, and grant us patience and resolve in all that is to come. We pray that He will comfort and console those who now walk in sorrow. We thank Him for each life we now must mourn, and the promise of a life to come.

As we have been assured, neither death nor life, nor angels nor principalities nor powers, nor things present nor things to come, nor height nor depth, can separate us from God's love. May He bless the souls of the departed. May He comfort our own. And may He always guide our country.

God bless America.

ADDRESS TO THE JOINT SESSION OF THE 107TH CONGRESS

UNITED STATES CAPITOL

WASHINGTON, D.C.

SEPTEMBER 20, 2001

Mr. Speaker, Mr. President Pro Tempore, members of Congress, and fellow Americans: In the normal course of events, Presidents come to this chamber to report on the state of the Union. Tonight, no such report is needed. It has already been delivered by the American people.

We have seen it in the courage of passengers, who rushed terrorists to save others on the ground — passengers like an exceptional man named Todd Beamer. And would you please help me to welcome his wife, Lisa Beamer, here tonight.

We have seen the state of our Union in the endurance of rescuers, working past exhaustion. We have seen the unfurling of flags, the lighting of candles, the giving of blood, the saying of prayers — in English, Hebrew, and Arabic. We have seen the decency of a loving and giving people who have made the grief of strangers their own.

My fellow citizens, for the last nine days, the entire world has seen for itself the state of our Union — and it is strong.

Tonight we are a country awakened to danger and called to defend freedom. Our grief has turned to anger, and anger to resolution. Whether we bring our enemies to justice, or bring justice to our enemies, justice will be done.

I thank the Congress for its leadership at such an important time. All of America was touched on the evening of the tragedy to see Republicans and Democrats joined together on the steps of this Capitol, singing “God Bless America.” And you did more than sing; you acted, by delivering \$40 billion to rebuild our communities and meet the needs of our military.

Speaker Hastert, Minority Leader Gephardt, Majority Leader Daschle and Senator Lott, I thank you for your friendship, for your leadership and for your service to our country. And on behalf of the American people, I thank the world for its outpouring of support.

America will never forget the sounds of our National Anthem playing at Buckingham Palace, on the streets of Paris, and at Berlin's Brandenburg Gate.

We will not forget South Korean children gathering to pray outside our embassy in Seoul, or the prayers of sympathy offered at a mosque in Cairo. We will not forget moments of silence and days of mourning in Australia and Africa and Latin America.

Nor will we forget the citizens of 80 other nations who died with our own: dozens of Pakistanis; more than 130 Israelis; more than 250 citizens of India; men and women from El Salvador, Iran, Mexico and Japan; and hundreds of British citizens. America has no truer friend than Great Britain. Once again, we are joined together in a great cause — so honored the British Prime Minister has crossed an ocean to show his unity of purpose with America.

Thank you for coming, friend. On September the 11th, enemies of freedom committed an act of war against our country. Americans have known wars — but for the past 136 years, they have been wars on foreign soil, except for one Sunday in 1941. Americans have known the casualties of war — but not at the center of a great city on a peaceful morning.

Americans have known surprise attacks — but never before on thousands of civilians. All of this was brought upon us in a single day — and night fell on a different world, a world where freedom itself is under attack.

Americans have many questions tonight. Americans are asking: Who attacked our country? The evidence we have gathered all points to a collection of loosely affiliated terrorist organizations known as al Qaeda. They are the same murderers indicted for bombing American embassies in Tanzania and Kenya, and responsible for bombing the USS Cole.

Al Qaeda is to terror what the mafia is to crime. But its goal is not making money; its goal is remaking the world — and imposing its radical beliefs on people everywhere.

The terrorists practice a fringe form of Islamic extremism that has been rejected by Muslim scholars and the vast majority of Muslim clerics — a fringe movement that perverts the peaceful teachings of Islam. The terrorists' directive commands them to kill Christians and Jews, to kill all Americans, and make no distinction among military and civilians, including women and children.

This group and its leader — a person named Osama bin Laden — are linked to many other organizations in different countries, including the Egyptian Islamic Jihad and the Islamic Movement of Uzbekistan. There are thousands of these terrorists in more than 60 countries. They are recruited from their own nations and neighborhoods and brought to camps in places like Afghanistan, where they are trained in the tactics of terror. They are sent back to their homes or sent to hide in countries around the world to plot evil and destruction.

The leadership of al Qaeda has great influence in Afghanistan and supports the Taliban regime in controlling most of that country. In Afghanistan, we see al Qaeda's vision for the world.

Afghanistan's people have been brutalized — many are starving and many have fled. Women are not allowed to attend school. You can be jailed for owning a television. Religion can be practiced only as their leaders dictate. A man can be jailed in Afghanistan if his beard is not long enough.

The United States respects the people of Afghanistan — after all, we are currently its largest source of humanitarian aid — but we condemn the Taliban regime. It is not only repressing its own people, it is threatening people everywhere by sponsoring and sheltering and supplying terrorists. By aiding and abetting murder, the Taliban regime is committing murder.

And tonight, the United States of America makes the following demands on the Taliban: Deliver to United States authorities all the leaders of al Qaeda who hide in your land. Release all foreign nationals, including American citizens, you have unjustly imprisoned. Protect foreign journalists, diplomats and aid workers in your country. Close immediately and permanently every terrorist training camp in Afghanistan, and hand over every terrorist, and every person in their support structure, to appropriate authorities.

Give the United States full access to terrorist training camps, so we can make sure they are no longer operating. These demands are not open to negotiation or discussion. The Taliban must act, and act immediately. They will hand over the terrorists, or they will share in their fate.

I also want to speak tonight directly to Muslims throughout the world. We respect your faith. It's practiced freely by many millions of Americans, and by millions more in countries that America counts as friends. Its teachings are good and peaceful, and those who commit evil in the name of Allah blaspheme the name of Allah.

The terrorists are traitors to their own faith, trying, in effect, to hijack Islam itself. The enemy of America is not our many Muslim friends; it is not our many Arab friends. Our enemy is a radical network of terrorists, and every government that supports them.

Our war on terror begins with al Qaeda, but it does not end there. It will not end until every terrorist group of global reach has been found, stopped and defeated.

Americans are asking, why do they hate us? They hate what we see right here in this chamber — a democratically elected government. Their leaders are self-appointed. They hate

our freedoms — our freedom of religion, our freedom of speech, our freedom to vote and assemble and disagree with each other.

They want to overthrow existing governments in many Muslim countries, such as Egypt, Saudi Arabia, and Jordan. They want to drive Israel out of the Middle East. They want to drive Christians and Jews out of vast regions of Asia and Africa.

These terrorists kill not merely to end lives, but to disrupt and end a way of life. With every atrocity, they hope that America grows fearful, retreating from the world and forsaking our friends.

They stand against us, because we stand in their way. We are not deceived by their pretenses to piety. We have seen their kind before. They are the heirs of all the murderous ideologies of the 20th century. By sacrificing human life to serve their radical visions — by abandoning every value except the will to power they follow in the path of fascism, and Nazism, and totalitarianism. And they will follow that path all the way, to where it ends: in history's unmarked grave of discarded lies.

Americans are asking: How will we fight and win this war? We will direct every resource at our command — every means of diplomacy, every tool of intelligence, every instrument of law enforcement, every financial influence, and every necessary weapon of war — to the disruption and to the defeat of the global terror network.

This war will not be like the war against Iraq a decade ago, with a decisive liberation of territory and a swift conclusion. It will not look like the air war above Kosovo two years ago, where no ground troops were used and not a single American was lost in combat.

Our response involves far more than instant retaliation and isolated strikes. Americans should not expect one battle, but a lengthy campaign, unlike any other we have ever seen. It may include dramatic strikes, visible on TV, and covert operations, secret even in success. We will starve terrorists of funding, turn them one against another, drive them from place to place, until there is no refuge or no rest. And we will pursue nations that provide aid or safe haven to terrorism. Every nation, in every region, now has a decision to make. Either you are with us, or you are with the terrorists. From this day forward, any nation that continues to harbor or support terrorism will be regarded by the United States as a hostile regime.

Our nation has been put on notice: We are not immune from attack. We will take defensive measures against terrorism to protect Americans. Today, dozens of federal departments and agencies, as well as state and local governments, have responsibilities affecting homeland security. These efforts must be coordinated at the highest level. So tonight

I announce the creation of a Cabinet-level position reporting directly to me — the Office of Homeland Security.

And tonight I also announce a distinguished American to lead this effort, to strengthen American security: a military veteran, an effective governor, a true patriot, a trusted friend — Pennsylvania's Tom Ridge. He will lead, oversee and coordinate a comprehensive national strategy to safeguard our country against terrorism, and respond to any attacks that may come. These measures are essential. But the only way to defeat terrorism as a threat to our way of life is to stop it, eliminate it, and destroy it where it grows.

Many will be involved in this effort, from FBI agents to intelligence operatives to the reservists we have called to active duty. All deserve our thanks, and all have our prayers. And tonight, a few miles from the damaged Pentagon, I have a message for our military: Be ready. I've called the Armed Forces to alert, and there is a reason. The hour is coming when America will act, and you will make us proud.

This is not, however, just America's fight. And what is at stake is not just America's freedom. This is the world's fight. This is civilization's fight. This is the fight of all who believe in progress and pluralism, tolerance and freedom.

We ask every nation to join us. We will ask, and we will need, the help of police forces, intelligence services, and banking systems around the world. The United States is grateful that many nations and many international organizations have already responded — with sympathy and with support. Nations from Latin America, to Asia, to Africa, to Europe, to the Islamic world. Perhaps the NATO Charter reflects best the attitude of the world: An attack on one is an attack on all.

The civilized world is rallying to America's side. They understand that if this terror goes unpunished, their own cities, their own citizens may be next. Terror, unanswered, can not only bring down buildings, it can threaten the stability of legitimate governments. And you know what — we're not going to allow it.

Americans are asking: What is expected of us? I ask you to live your lives, and hug your children. I know many citizens have fears tonight, and I ask you to be calm and resolute, even in the face of a continuing threat.

I ask you to uphold the values of America, and remember why so many have come here. We are in a fight for our principles, and our first responsibility is to live by them. No one should be singled out for unfair treatment or unkind words because of their ethnic background or religious faith.

I ask you to continue to support the victims of this tragedy with your contributions. Those who want to give can go to a central source of information, libertyunites.org, to find the names of groups providing direct help in New York, Pennsylvania, and Virginia.

The thousands of FBI agents who are now at work in this investigation may need your cooperation, and I ask you to give it.

I ask for your patience, with the delays and inconveniences that may accompany tighter security; and for your patience in what will be a long struggle.

I ask your continued participation and confidence in the American economy. Terrorists attacked a symbol of American prosperity. They did not touch its source. America is successful because of the hard work, and creativity, and enterprise of our people. These were the true strengths of our economy before September 11th, and they are our strengths today.

And, finally, please continue praying for the victims of terror and their families, for those in uniform, and for our great country. Prayer has comforted us in sorrow, and will help strengthen us for the journey ahead.

Tonight I thank my fellow Americans for what you have already done and for what you will do. And ladies and gentlemen of the Congress, I thank you, their representatives, for what you have already done and for what we will do together. Tonight, we face new and sudden national challenges. We will come together to improve air safety, to dramatically expand the number of air marshals on domestic flights, and take new measures to prevent hijacking. We will come together to promote stability and keep our airlines flying, with direct assistance during this emergency. We will come together to give law enforcement the additional tools it needs to track down terror here at home. We will come together to strengthen our intelligence capabilities to know the plans of terrorists before they act, and find them before they strike.

We will come together to take active steps that strengthen America's economy, and put our people back to work. Tonight we welcome two leaders who embody the extraordinary spirit of all New Yorkers: Governor George Pataki, and Mayor Rudolph Giuliani. As a symbol of America's resolve, my administration will work with Congress, and these two leaders, to show the world that we will rebuild New York City.

After all that has just passed — all the lives taken, and all the possibilities and hopes that died with them — it is natural to wonder if America's future is one of fear. Some speak of an age of terror.

I know there are struggles ahead, and dangers to face. But this country will define our times, not be defined by them. As long as the United States of America is determined and

strong, this will not be an age of terror; this will be an age of liberty, here and across the world.

Great harm has been done to us. We have suffered great loss. And in our grief and anger we have found our mission and our moment. Freedom and fear are at war. The advance of human freedom — the great achievement of our time, and the great hope of every time — now depends on us. Our nation — this generation — will lift a dark threat of violence from our people and our future. We will rally the world to this cause by our efforts, by our courage. We will not tire, we will not falter, and we will not fail. It is my hope that in the months and years ahead, life will return almost to normal. We'll go back to our lives and routines, and that is good. Even grief recedes with time and grace. But our resolve must not pass. Each of us will remember what happened that day, and to whom it happened. We'll remember the moment the news came — where we were and what we were doing. Some will remember an image of a fire, or a story of rescue. Some will carry memories of a face and a voice gone forever.

And I will carry this: It is the police shield of a man named George Howard, who died at the World Trade Center trying to save others. It was given to me by his mom, Arlene, as a proud memorial to her son. This is my reminder of lives that ended, and a task that does not end.

I will not forget this wound to our country or those who inflicted it. I will not yield; I will not rest; I will not relent in waging this struggle for freedom and security for the American people.

The course of this conflict is not known, yet its outcome is certain. Freedom and fear, justice and cruelty, have always been at war, and we know that God is not neutral between them.

Fellow citizens, we'll meet violence with patient justice — assured of the rightness of our cause, and confident of the victories to come. In all that lies before us, may God grant us wisdom, and may He watch over the United States of America.

ADDRESS TO THE NATION ON OPERATIONS IN AFGHANISTAN

THE TREATY ROOM OF THE WHITE HOUSE

WASHINGTON, D.C.

OCTOBER 7, 2001

Good afternoon. On my orders, the United States military has begun strikes against al Qaeda terrorist training camps and military installations of the Taliban regime in Afghanistan. These carefully targeted actions are designed to disrupt the use of Afghanistan as a terrorist base of operations, and to attack the military capability of the Taliban regime.

We are joined in this operation by our staunch friend, Great Britain. Other close friends, including Canada, Australia, Germany and France, have pledged forces as the operation unfolds. More than 40 countries in the Middle East, Africa, Europe and across Asia have granted air transit or landing rights. Many more have shared intelligence. We are supported by the collective will of the world.

More than two weeks ago, I gave Taliban leaders a series of clear and specific demands: Close terrorist training camps; hand over leaders of the al Qaeda network; and return all foreign nationals, including American citizens, unjustly detained in your country.

None of these demands were met. And now the Taliban will pay a price. By destroying camps and disrupting communications, we will make it more difficult for the terror network to train new recruits and coordinate their evil plans.

Initially, the terrorists may burrow deeper into caves and other entrenched hiding places. Our military action is also designed to clear the way for sustained, comprehensive and relentless operations to drive them out and bring them to justice. At the same time, the oppressed people of Afghanistan will know the generosity of America and our allies. As we strike military targets, we'll also drop food, medicine and supplies to the starving and suffering men and women and children of Afghanistan.

The United States of America is a friend to the Afghan people, and we are the friends of almost a billion worldwide who practice the Islamic faith. The United States of America is an enemy of those who aid terrorists and of the barbaric criminals who profane a great religion by committing murder in its name.

This military action is a part of our campaign against terrorism, another front in a war that has already been joined through diplomacy, intelligence, the freezing of financial assets and the arrests of known terrorists by law enforcement agents in 38 countries. Given the nature and reach of our enemies, we will win this conflict by the patient accumulation of successes, by meeting a series of challenges with determination and will and purpose.

Today we focus on Afghanistan, but the battle is broader. Every nation has a choice to make. In this conflict, there is no neutral ground. If any government sponsors the outlaws and

killers of innocents, they have become outlaws and murderers, themselves. And they will take that lonely path at their own peril.

I'm speaking to you today from the Treaty Room of the White House, a place where American Presidents have worked for peace. We're a peaceful nation. Yet, as we have learned, so suddenly and so tragically, there can be no peace in a world of sudden terror. In the face of today's new threat, the only way to pursue peace is to pursue those who threaten it. We did not ask for this mission, but we will fulfill it. The name of today's military operation is Enduring Freedom. We defend not only our precious freedoms, but also the freedom of people everywhere to live and raise their children free from fear.

I know many Americans feel fear today. And our government is taking strong precautions. All law enforcement and intelligence agencies are working aggressively around America, around the world and around the clock. At my request, many governors have activated the National Guard to strengthen airport security. We have called up Reserves to reinforce our military capability and strengthen the protection of our homeland.

In the months ahead, our patience will be one of our strengths; patience with the long waits that will result from tighter security; patience and understanding that it will take time to achieve our goals; patience in all the sacrifices that may come.

Today, those sacrifices are being made by members of our Armed Forces who now defend us so far from home, and by their proud and worried families. A Commander-in-Chief sends America's sons and daughters into a battle in a foreign land only after the greatest care and a lot of prayer. We ask a lot of those who wear our uniform.

We ask them to leave their loved ones, to travel great distances, to risk injury, even to be prepared to make the ultimate sacrifice of their lives. They are dedicated, they are honorable; they represent the best of our country. And we are grateful.

To all the men and women in our military — every sailor, every soldier, every airman, every coastguardsman, every Marine — I say this: Your mission is defined; your objectives are clear; your goal is just. You have my full confidence, and you will have every tool you need to carry out your duty.

I recently received a touching letter that says a lot about the state of America in these difficult times — a letter from a 4th-grade girl, with a father in the military: "As much as I don't want my Dad to fight," she wrote, "I'm willing to give him to you."

This is a precious gift, the greatest she could give. This young girl knows what America is all about. Since September 11, an entire generation of young Americans has gained new understanding of the value of freedom, and its cost in duty and in sacrifice.

The battle is now joined on many fronts. We will not waver; we will not tire; we will not falter; and we will not fail. Peace and freedom will prevail.

Thank you. May God continue to bless America.

DEPARTMENT OF DEFENSE SERVICE OF REMEMBRANCE AT THE PENTAGON

THE PENTAGON

ARLINGTON, VIRGINIA

OCTOBER 11, 2001

Please be seated. President and Senator Clinton, thank you all for being here. We have come here to pay our respects to 125 men and women who died in the service of America. We also remember 64 passengers on a hijacked plane; those men and women, boys and girls who fell into the hands of evildoers, and also died here exactly one month ago.

On September 11th, great sorrow came to our country. And from that sorrow has come great resolve. Today, we are a nation awakened to the evil of terrorism, and determined to destroy it.

That work began the moment we were attacked; and it will continue until justice is delivered. Americans are returning, as we must, to the normal pursuits of life. Americans are returning, as we must, to the normal pursuits of life. But we know that if you lost a son or daughter here, or a husband, or a wife, or a mom or dad, life will never again be as it was. The loss was sudden, and hard, and permanent. So difficult to explain. So difficult to accept.

Three schoolchildren traveling with their teacher. An Army general. A budget analyst who reported to work here for 30 years. A lieutenant commander in the Naval Reserve who left behind a wife, a four-year-old son, and another child on the way.

One life touches so many others. One death can leave sorrow that seems almost unbearable. But to all of you who lost someone here, I want to say: You are not alone. The American people will never forget the cruelty that was done here and in New York, and in the sky over Pennsylvania.

We will never forget all the innocent people killed by the hatred of a few. We know the loneliness you feel in your loss. The entire nation, entire nation shares in your sadness. And we pray for you and your loved ones. And we will always honor their memory.

The hijackers were instruments of evil who died in vain. Behind them is a cult of evil which seeks to harm the innocent and thrives on human suffering. Theirs is the worst kind of cruelty, the cruelty that is fed, not weakened, by tears. Theirs is the worst kind of violence, pure malice, while daring to claim the authority of God. We cannot fully understand the designs and power of evil.

It is enough to know that evil, like goodness, exists. And in the terrorists, evil has found a willing servant. In New York, the terrorists chose as their target a symbol of America's freedom and confidence. Here, they struck a symbol of our strength in the world. And the attack on the Pentagon, on that day, was more symbolic than they knew. It was on another September 11th — September 11th, 1941 — that construction on this building first began. America was just then awakening to another menace: The Nazi terror in Europe.

And on that very night, President Franklin Roosevelt spoke to the nation. The danger, he warned, has long ceased to be a mere possibility. The danger is here now. Not only from a military enemy, but from an enemy of all law, all liberty, all morality, all religion.

For us too, in the year 2001, an enemy has emerged that rejects every limit of law, morality, and religion. The terrorists have no true home in any country, or culture, or faith. They dwell in dark corners of earth. And there, we will find them.

This week, I have called the Armed Forces into action. One by one, we are eliminating power centers of a regime that harbors al Qaeda terrorists. We gave that regime a choice: Turn over the terrorists, or face your ruin. They chose unwisely.

The Taliban regime has brought nothing but fear and misery to the people of Afghanistan. These rulers call themselves holy men, even with their record of drawing money from heroin trafficking. They consider themselves pious and devout, while subjecting women to fierce brutality.

The Taliban has allied itself with murderers and gave them shelter. But today, for al Qaeda and the Taliban, there is no shelter. As Americans did 60 years ago, we have entered a struggle of uncertain duration. But now, as then, we can be certain of the outcome, because we have a number of decisive assets.

We have a unified country. We have the patience to fight and win on many fronts: Blocking terrorist plans, seizing their funds, arresting their networks, disrupting their communications, opposing their sponsors. And we have one more great asset in this cause: The brave men and women of the United States military.

From my first days in this office, I have felt and seen the strong spirit of the Armed Forces. I saw it at Fort Stewart, Georgia, when I first reviewed our troops as Commander-in-

Chief, and looked into the faces of proud and determined soldiers. I saw it in Annapolis on a graduation day, at Camp Pendleton in California, Camp Bondsteel in Kosovo. And I have seen this spirit at the Pentagon, before and after the attack on this building. You've responded to a great emergency with calm and courage.

And for that, your country honors you. A Commander-in-Chief must know, must know that he can count on the skill and readiness of servicemen and women at every point in the chain of command.

You have given me that confidence. And I give you these commitments. The wound to this building will not be forgotten, but it will be repaired. Brick by brick, we will quickly rebuild the Pentagon. In the missions ahead for the military, you will have everything you need, every resource, every weapon, every means to assure full victory for the United States and the cause of freedom.

And I pledge to you that America will never relent on this war against terror. There will be times of swift, dramatic action. There will be times of steady, quiet progress. Over time, with patience, and precision, the terrorists will be pursued. They will be isolated, surrounded, cornered, until there is no place to run, or hide, or rest.

As military and civilian personnel in the Pentagon, you are an important part of the struggle we have entered. You know the risks of your calling, and you have willingly accepted them. You believe in our country, and our country believes in you.

Within sight of this building is Arlington Cemetery, the final resting place of many thousands who died for our country over the generations. Enemies of America have now added to these graves, and they wish to add more. Unlike our enemies, we value every life, and we mourn every loss.

Yet we're not afraid. Our cause is just, and worthy of sacrifice. Our nation is strong of heart, firm of purpose. Inspired by all the courage that has come before, we will meet our moment and we will prevail.

May God bless you all, and may God bless America.

ADDRESS TO THE UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY

UNITED NATIONS HEADQUARTERS

NEW YORK, NEW YORK

NOVEMBER 10, 2001

Thank you. Mr. Secretary General, Mr. President, distinguished delegates, and ladies and gentlemen. We meet in a hall devoted to peace, in a city scarred by violence, in a nation awakened to danger, in a world uniting for a long struggle. Every civilized nation here today is resolved to keep the most basic commitment of civilization: We will defend ourselves and our future against terror and lawless violence.

The United Nations was founded in this cause. In a second world war, we learned there is no isolation from evil. We affirmed that some crimes are so terrible they offend humanity, itself. And we resolved that the aggressions and ambitions of the wicked must be opposed early, decisively, and collectively, before they threaten us all. That evil has returned, and that cause is renewed.

A few miles from here, many thousands still lie in a tomb of rubble. Tomorrow, the Secretary General, the President of the General Assembly, and I will visit that site, where the names of every nation and region that lost citizens will be read aloud. If we were to read the names of every person who died, it would take more than three hours.

Those names include a citizen of Gambia, whose wife spent their fourth wedding anniversary, September the 12th, searching in vain for her husband. Those names include a man who supported his wife in Mexico, sending home money every week. Those names include a young Pakistani who prayed toward Mecca five times a day, and died that day trying to save others.

The suffering of September the 11th was inflicted on people of many faiths and many nations. All of the victims, including Muslims, were killed with equal indifference and equal satisfaction by the terrorist leaders. The terrorists are violating the tenets of every religion, including the one they invoke.

Last week, the Sheikh of Al-Azhar University, the world's oldest Islamic institution of higher learning, declared that terrorism is a disease, and that Islam prohibits killing innocent civilians. The terrorists call their cause holy, yet, they fund it with drug dealing; they encourage murder and suicide in the name of a great faith that forbids both. They dare to ask God's blessing as they set out to kill innocent men, women and children. But the God of Isaac and Ishmael would never answer such a prayer. And a murderer is not a martyr; he is just a murderer.

Time is passing. Yet, for the United States of America, there will be no forgetting September the 11th. We will remember every rescuer who died in honor. We will remember

every family that lives in grief. We will remember the fire and ash, the last phone calls, the funerals of the children.

And the people of my country will remember those who have plotted against us. We are learning their names. We are coming to know their faces. There is no corner of the Earth distant or dark enough to protect them. However long it takes, their hour of justice will come.

Every nation has a stake in this cause. As we meet, the terrorists are planning more murder — perhaps in my country, or perhaps in yours. They kill because they aspire to dominate. They seek to overthrow governments and destabilize entire regions.

Last week, anticipating this meeting of the General Assembly, they denounced the United Nations. They called our Secretary General a criminal and condemned all Arab nations here as traitors to Islam.

Few countries meet their exacting standards of brutality and oppression. Every other country is a potential target. And all the world faces the most horrifying prospect of all: These same terrorists are searching for weapons of mass destruction, the tools to turn their hatred into holocaust. They can be expected to use chemical, biological and nuclear weapons the moment they are capable of doing so. No hint of conscience would prevent it. This threat cannot be ignored. This threat cannot be appeased.

Civilization, itself, the civilization we share, is threatened. History will record our response, and judge or justify every nation in this hall. The civilized world is now responding. We act to defend ourselves and deliver our children from a future of fear. We choose the dignity of life over a culture of death. We choose lawful change and civil disagreement over coercion, subversion, and chaos. These commitments — hope and order, law and life — unite people across cultures and continents. Upon these commitments depend all peace and progress. For these commitments, we are determined to fight. The United Nations has risen to this responsibility. On the 12th of September, these buildings opened for emergency meetings of the General Assembly and the Security Council. Before the sun had set, these attacks on the world stood condemned by the world. And I want to thank you for this strong and principled stand.

I also thank the Arab Islamic countries that have condemned terrorist murder. Many of you have seen the destruction of terror in your own lands. The terrorists are increasingly isolated by their own hatred and extremism. They cannot hide behind Islam. The authors of mass murder and their allies have no place in any culture, and no home in any faith.

The conspiracies of terror are being answered by an expanding global coalition. Not every nation will be a part of every action against the enemy. But every nation in our coalition

has duties. These duties can be demanding, as we in America are learning. We have already made adjustments in our laws and in our daily lives. We're taking new measures to investigate terror and to protect against threats.

The leaders of all nations must now carefully consider their responsibilities and their future. Terrorist groups like al Qaeda depend upon the aid or indifference of governments. They need the support of a financial infrastructure, and safe havens to train and plan and hide.

Some nations want to play their part in the fight against terror, but tell us they lack the means to enforce their laws and control their borders. We stand ready to help. Some governments still turn a blind eye to the terrorists, hoping the threat will pass them by. They are mistaken. And some governments, while pledging to uphold the principles of the U.N., have cast their lot with the terrorists. They support them and harbor them, and they will find that their welcome guests are parasites that will weaken them, and eventually consume them. For every regime that sponsors terror, there is a price to be paid. And it will be paid. The allies of terror are equally guilty of murder and equally accountable to justice.

The Taliban are now learning this lesson — that regime and the terrorists who support it are now virtually indistinguishable. Together they promote terror abroad and impose a reign of terror on the Afghan people. Women are executed in Kabal's soccer stadium. They can be beaten for wearing socks that are too thin. Men are jailed for missing prayer meetings.

The United States, supported by many nations, is bringing justice to the terrorists in Afghanistan. We're making progress against military targets, and that is our objective. Unlike the enemy, we seek to minimize, not maximize, the loss of innocent life.

I'm proud of the honorable conduct of the American military. And my country grieves for all the suffering the Taliban have brought upon Afghanistan, including the terrible burden of war. The Afghan people do not deserve their present rulers. Years of Taliban misrule have brought nothing but misery and starvation. Even before this current crisis, 4 million Afghans depended on food from the United States and other nations, and millions of Afghans were refugees from Taliban oppression.

I make this promise to all the victims of that regime: The Taliban's days of harboring terrorists and dealing in heroin and brutalizing women are drawing to a close. And when that regime is gone, the people of Afghanistan will say with the rest of the world: good riddance.

I can promise, too, that America will join the world in helping the people of Afghanistan rebuild their country. Many nations, including mine, are sending food and medicine to help Afghans through the winter. America has air-dropped over 1.3 million packages of rations into Afghanistan. Just this week, we air-lifted 20,000 blankets and over

200 tons of provisions into the region. We continue to provide humanitarian aid, even while the Taliban tried to steal the food we send.

More help eventually will be needed. The United States will work closely with the United Nations and development banks to reconstruct Afghanistan after hostilities there have ceased and the Taliban are no longer in control. And the United States will work with the U.N. to support a post-Taliban government that represents all of the Afghan people.

In this war on terror, each of us must answer for what we have done or what we have left undone. After tragedy, there is a time for sympathy and condolence. And my country has been very grateful for both. The memorials and vigils around the world will not be forgotten. But the time for sympathy has now passed; the time for action has now arrived.

The most basic obligations in this new conflict have already been defined by the United Nations. On September the 28th, the Security Council adopted Resolution 1373. Its requirements are clear: Every United Nations member has a responsibility to crack down on terrorist financing. We must pass all necessary laws in our own countries to allow the confiscation of terrorist assets. We must apply those laws to every financial institution in every nation.

We have a responsibility to share intelligence and coordinate the efforts of law enforcement. If you know something, tell us. If we know something, we'll tell you. And when we find the terrorists, we must work together to bring them to justice. We have a responsibility to deny any sanctuary, safe haven or transit to terrorists. Every known terrorist camp must be shut down, its operators apprehended, and evidence of their arrest presented to the United Nations. We have a responsibility to deny weapons to terrorists and to actively prevent private citizens from providing them.

These obligations are urgent and they are binding on every nation with a place in this chamber. Many governments are taking these obligations seriously, and my country appreciates it. Yet, even beyond Resolution 1373, more is required, and more is expected of our coalition against terror.

We're asking for a comprehensive commitment to this fight. We must unite in opposing all terrorists, not just some of them. In this world there are good causes and bad causes, and we may disagree on where the line is drawn. Yet, there is no such thing as a good terrorist. No national aspiration, no remembered wrong can ever justify the deliberate murder of the innocent. Any government that rejects this principle, trying to pick and choose its terrorist friends, will know the consequences.

We must speak the truth about terror. Let us never tolerate outrageous conspiracy theories concerning the attacks of September the 11th; malicious lies that attempt to shift the blame away from the terrorists, themselves, away from the guilty. To inflame ethnic hatred is to advance the cause of terror.

The war against terror must not serve as an excuse to persecute ethnic and religious minorities in any country. Innocent people must be allowed to live their own lives, by their own customs, under their own religion. And every nation must have avenues for the peaceful expression of opinion and dissent. When these avenues are closed, the temptation to speak through violence grows.

We must press on with our agenda for peace and prosperity in every land. My country is pledged to encouraging development and expanding trade. My country is pledged to investing in education and combating AIDS and other infectious diseases around the world. Following September 11th, these pledges are even more important. In our struggle against hateful groups that exploit poverty and despair, we must offer an alternative of opportunity and hope.

The American government also stands by its commitment to a just peace in the Middle East. We are working toward a day when two states, Israel and Palestine, live peacefully together within secure and recognize borders as called for by the Security Council resolutions. We will do all in our power to bring both parties back into negotiations. But peace will only come when all have sworn off, forever, incitement, violence and terror. And, finally, this struggle is a defining moment for the United Nations, itself. And the world needs its principled leadership. It undermines the credibility of this great institution, for example, when the Commission on Human Rights offers seats to the world's most persistent violators of human rights. The United Nations depends, above all, on its moral authority — and that authority must be preserved.

The steps I described will not be easy. For all nations, they will require effort. For some nations, they will require great courage. Yet, the cost of inaction is far greater. The only alternative to victory is a nightmare world where every city is a potential killing field. As I've told the American people, freedom and fear are at war.

We face enemies that hate not our policies, but our existence; the tolerance of openness and creative culture that defines us. But the outcome of this conflict is certain: There is a current in history and it runs toward freedom. Our enemies resent it and dismiss it, but the dreams of mankind are defined by liberty — the natural right to create and build and worship and live in dignity. When men and women are released from oppression and isolation, they

find fulfillment and hope, and they leave poverty by the millions. These aspirations are lifting up the peoples of Europe, Asia, Africa and the Americas, and they can lift up all of the Islamic world.

We stand for the permanent hopes of humanity, and those hopes will not be denied. We're confident, too, that history has an author who fills time and eternity with his purpose. We know that evil is real, but good will prevail against it. This is the teaching of many faiths, and in that assurance we gain strength for a long journey. It is our task — the task of this generation — to provide the response to aggression and terror. We have no other choice, because there is no other peace. We did not ask for this mission, yet there is honor in history's call. We have a chance to write the story of our times, a story of courage defeating cruelty and light overcoming darkness. This calling is worthy of any life, and worthy of every nation. So let us go forward, confident, determined, and unafraid.

Thank you very much.

THE WORLD WILL ALWAYS REMEMBER SEPTEMBER 11

THE EAST ROOM OF THE WHITE HOUSE

WASHINGTON, D.C.

DECEMBER 11, 2001

A great writer has said that the struggle of humanity against tyranny is the struggle of memory against forgetting. When we fight terror, we fight tyranny; and so we remember. We remember the perfect blueness of the sky that Tuesday morning. We remember the children traveling without their mothers when their planes were hijacked.

We remember the cruelty of the murderers and the pain and anguish of the murdered. Every one of the innocents who died on September the 11th was the most important person on earth to somebody. Every death extinguished a world.

We remember the courage of the rescue workers and the outpouring of friendship and sympathy from nations around the world. We remember how we felt that day: our sadness, the surge of love for our country, our anger, and our determination to right this huge wrong. Today, the wrong is being righted and justice is being done. We still have far to go. And

many dangers lie ahead. Yet, there can be no doubt how this conflict will end. Our enemies have made the mistake that America's enemies always make. They saw liberty and thought they saw weakness. And now, they see defeat.

In time, this war will end. But our remembrance never will. All around this beautiful city are statues of our heroes, memorials, museums and archives that preserve our national experience, our achievements and our failures, our defeats and our victories.

This republic is young, but its memory is long. Now, we have inscribed a new memory alongside those others. It's a memory of tragedy and shock, of loss and mourning. But not only of loss and mourning. It's also a memory of bravery and self-sacrifice, and the love that lays down its life for a friend — even a friend whose name it never knew.

We are privileged to have with us the families of many of the heroes on September the 11th, including the family of Jeremy Glick of Flight 93. His courage and self-sacrifice may have saved the White House. It is right and fitting that it is here we pay our respects.

In time, perhaps, we will mark the memory of September the 11th in stone and metal — something we can show children as yet unborn to help them understand what happened on this minute and on this day. But for those of us who lived through these events, the only marker we'll ever need is the tick of a clock at the 46th minute of the eighth hour of the 11th day. We will remember where we were and how we felt. We will remember the dead and what we owe them. We will remember what we lost and what we found.

And in our time, we will honor the memory of the 11th day by doing our duty as citizens of this great country, freedom's home and freedoms defender. God bless.